



Universidade Federal de Juiz de Fora

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Paulo Victor Yamim Pereira

OS ENTRE ESPAÇOS

Conceitos e aplicações nas cidades contemporâneas

Monografia apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I.

Orientador: Prof. Mauro Santoro Campello

Juiz de Fora

Julho/2017

Dedico este trabalho a cidade de Juiz de Fora, onde nasci, cresci e que tem me ensinado o amor a arquitetura e urbanismo, obrigado por ser minha origem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares pelo apoio, principalmente a minha querida mãe que forneceu todas as condições para que eu pudesse obter crescimento pessoal e profissional, sempre com amor e carinho. À minha namorada, que esteve sempre ao meu lado, seja nos momentos fáceis ou difíceis, com muito amor, companheirismo e total dedicação em me ajudar com tudo que fosse preciso. Aos meus amigos e companheiros de trabalho, que proporcionaram grandes momentos de alegria e aprendizado. Ao meu orientador, mesmo que rodeado de adversidades dedicou-se ao aprimoramento do meu trabalho e me forneceu muitas lições e conhecimento.

“Existem apenas duas classes sociais, as do que não comem e as dos que não dormem com medo da revolução dos que não comem.”

(Milton Santos)

RESUMO

O tema abordado neste trabalho visa compreender de forma mais ampla os vazios urbanos, visto que cada vez mais esses espaços estão presentes nas cidades e seus problemas vem se agravando ao longo do tempo. O objetivo é fomentar ainda mais essa discussão através da análise de alguns autores, estendendo a questão para aplicações de teorias e possíveis soluções. A metodologia do estudo é baseada na análise dessas áreas através da ótica da população, observando a apropriação e quais interesses sobre os mesmos. Embasando para a elaboração de um projeto arquitetônico que contemple os anseios dos habitantes e ao mesmo tempo aproveite as lacunas da malha urbana.

PALAVRAS-CHAVE

Cidades. Vazios urbanos. Requalificação urbana. Convívio social. Centro de acolhimento.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 – Concepção e compreensão de vazios urbanos	2
1.1 – Interstícios urbanos, por Fernando Freitas Fuão	3
1.2 – Vazios urbanos, por Jane Jacobs	5
1.3 – Vazios urbanos, por Milton Santos.....	7
1.4 – Vazios urbanos, por Andréa Borde	9
1.5 – Conceito de entre espaços.....	11
1.6 Entre espaços na cidade de Juiz de Fora	13
Capítulo 2 – Cidades hostis.....	26
Capítulo 3 – Gentileza urbana.....	33
Capítulo 4 – Acupuntura Urbana	35
Capítulo 5 – Análise de casos	36
5.1 – Reconvertendo lugares vazios do espaço público (Archdaily 2014)	37
5.2 – Proposta para recuperar vazios urbanos e estimular a reativação econômica em cidades espanholas (Archdaily 2014)	43
5.3 – Concurso público nacional de projetos de arquitetura para a requalificação urbana de baixios de Viadutos, Belo Horizonte (Archdaily 2014)	46
5.3.1 – Viaduto 01, Viaduto Pedro Aguinaldo Fulgêncio	46
5.3.2 – Viaduto 02, Elevado Castelo Branco	48
5.3.3 – Viaduto 03, Viaduto Cinquenta e Dois	50
5.3.4 – Viaduto 04, Viaduto engenheiro Andrade Pinto	52
Capítulo 6 – Intenções de projeto.....	54
6.1 – Objeto arquitetônico	60
6.2 – Diretrizes projetuais.....	61
6.3 – Programa de necessidades.....	62
6.3.1 – Setor social e lazer	63
6.3.2 – Setor de serviços	64
6.3.3 – Íntimo	64
6.3.4 – Desdobramentos do projeto.....	64
Anexo 01 – Levantamento da população de rua na cidade de Juiz de Fora	66
Anexo 02 – Avaliação institucional dividido por grupamento.....	69
Referências bibliográficas:	71

Introdução

Esta monografia tem como objetivo principal entender os espaços residuais presentes nas cidades contemporâneas. Esses espaços que se perderam na construção da malha urbana recebem nomes variados, como lacunas urbanas, vazios urbanos, interstícios ou apenas vazios. Encontra-se a necessidade de abordar de forma mais adequada o que de fato é o termo “vazio urbano”. Visto que um vazio é um espaço, nesta monografia a palavra “espaço” está baseada no entendimento do geógrafo Milton Santos (2008, p.46), o mesmo define de forma racional o espaço, como algo que une o material com a intervenção do ser humano.

As diferentes definições sobre o termo instigam ainda mais o seu verdadeiro significado, para elencar de forma mais adequada sua definição alguns autores serão estudados. Através da abordagem de Milton Santos (1990), Jane Jacobs (2000), Andréa Borde (2012), Fernando Freitas Fuão (2013) e outros, será possível traçar um panorama aprimorado do termo. Compreender a influência desses locais é necessário para que seja possível melhorar a condição de vida da população.

Diante desse panorama de diferentes condições, faz-se necessário unir a concepção desses pesquisadores e construir de fato um termo adequado para a abordagem desses locais. A união dos pensamentos dará fruto a outra terminologia, denominada “entre espaços”. O qual pode ser entendido como a união do pensamento dos autores aplicado nas cidades contemporâneas brasileiras.

Além disso, a pesquisa procura compreender a influência dessas áreas nas relações interpessoais da população, quais benefícios podem ser extraídos e explicar sobre o potencial arquitetônico e urbanístico dos mesmos. Reunir instrumentos e metodologias capazes identificar esses espaços e, posteriormente, criar possibilidades de uso para estes através de intervenções arquitetônicas que se adequem as suas características. Visando determinar novos usos que contribuirão para a vida coletiva nos espaços públicos.

O município de Juiz de Fora, Minas Gerais, fornecerá o contexto para a aplicação dos resultados obtidos. Apresentando diversos locais que possam ser classificados como entre espaços, oferecendo uma ou mais soluções para contribuir na qualidade espacial utilizando-se de teorias e técnicas do planejamento urbano.

Capítulo 1 – Concepção e compreensão de vazios urbanos

As cidades contemporâneas são compostas por elementos formadores da estrutura urbana. Esses elementos são o solo, onde se instaura a cidade, a malha viária, as edificações presentes, os espaços públicos, as áreas verdes, os vazios urbanos e os cidadãos. A relação entre esses elementos é o que produz o espaço e o torna dinâmico, segundo Milton Santos (2008).

Entende-se que a composição das cidades se dá pelo conjunto de processos e formas urbanas, muitas das vezes com a intervenção direta do ser humano, pois se transforma de acordo com o tempo, conseqüentemente a cidade onde ele se instaura também é modificada, tendo o tempo como administrador. Os vazios urbanos, dentro do histórico das cidades, são elementos urbanos contemporâneos, por isso devem ser ainda mais discutidos, devido a sua importância.

Os vazios urbanos estão cada vez mais presentes nas discussões atuais, o aumento do número dessas áreas provoca uma inquietação na população e nos teóricos. Outro fato que alavanca o estudo deste conceito é a ampliação da produção capitalista do espaço urbano e a especulação imobiliária como ferramenta manipuladora da cidade. A terra urbana passa a ser um “negócio” extremamente rentável com rebatimentos na constituição da forma urbana (SANTOS, 2008).

A temática de vazios urbanos, como anunciado na introdução, apresenta diferentes facetas, já que vários autores teorizaram sobre esse conceito. As diferentes definições reafirmam a inquietação e a necessidade por esclarecimentos sobre essas lacunas no meio urbano. Entender, conceituar e problematizar sobre esses espaços faz-se necessário para a apresentação de propostas e possíveis soluções para os vazios. A abordagem dos diversos autores possibilitará um entendimento amplo sobre a problemática, possibilitando ao estudo em questão fazer uma interpelação dos conceitos e se apropriar dos que mais se adequem para as cidades brasileiras.

No Brasil a problemática dos espaços residuais é perceptível em diversas cidades, em algumas delas essa adversidade faz-se presente a alguns anos. Segundo Santos (1990), na capital São Paulo, no ano de 1976 a cidade já apresentava um índice de vazios urbanos de 43,85%, quase metade da malha

urbana era “vazia”. Sem levar em conta os outros espaços vazios que a cidade apresenta, como edifícios abandonados, ruínas e praças marginalizadas, todas essas áreas sem um uso adequado para a população. Ou seja, o processo de especulação já vinha sendo instaurado na cidade anos atrás, transformando a cidade no que se vê hoje, grandes áreas sem uso presentes em diversos pontos, principalmente no centro.

O geógrafo Ricardo Alvarez (1994, p. 11) afirma que: [...] “os vazios urbanos fazem referência a um processo, diante da dinâmica de produção e reprodução das partes da cidade que, em um dado momento, não estão sendo utilizadas”. Essa dinâmica que o autor se refere é entendida como a construção da cidade e os espaços estão sendo incorporados ou mantidos pelo processo de crescimento urbano.

1.1 – Interstícios urbanos, por Fernando Freitas Fuão

Nos mais variados entendimentos sobre os vazios urbanos o arquiteto Fernando Fuão (2012) apresenta sua perspectiva sobre o assunto. Na concepção do termo, o pesquisador apresenta primeiramente a cidade, que se mostra cheia, muitos carros, muitas pessoas e pouco espaço livre. Poucos locais ainda não foram modificados pelo ser humano, todavia ainda existem os vazios. Algumas culturas depositam uma certa esperança nesses locais, buscando trazer mais utilidade para os meios urbanos.

Definir o vazio é algo complexo já que as vertentes de pensamento podem levar o conceito para várias direções. Fuão (2012) explica que os espaços que não foram ocupados efetivamente por alguma construção ou tenham um uso atribuído podem ser consideradas terras de ninguém. Sendo assim o sentido de vazio nos força a entender o termo como algo construído ou não construído. Porém se pensarmos que o vazio, no meio da arquitetura, envolve a ideia de preenchimento, a questão de um espaço sem uso, ou pouco utilizado pode afirmar outro ponto de vista. E ainda existem os espaços que não podem ser calculados e que são vistos como vazios, o mar aberto, grandes florestas e o deserto, locais que não recebem uma dimensão. Sob a perspectiva de todos esses entendimentos Fuão define o vazio como inexistente, não podendo ser definido como algo material.

“O vazio não existe. Ele é um sentido, um sentimento humano que se manifesta dentro de um outro sentido maior –ainda inominável- que tem, em seus extremos, essa sensação de vazio, insatisfação, falta de sentido e no outro sentido de completude, de cheio, de satisfação.”(FUÃO,2012.Fonte:<<http://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/10/arquitetura-e-vazio.html>>, acesso em: 10/03/17).

Entende-se que os vazios são variáveis e podem apresentar características específicas de acordo com o olhar de cada um. “Na verdade, os vazios urbanos não são espaços vazios, neles sempre têm alguma coisa. Mas nem sempre queremos ver, ou conseguimos ver essas coisas que estão no dito vazio” (FUÃO,2012). É preciso abordar esses espaços com cautela, qualquer modificação dessas áreas, sejam elas públicas ou privadas, geram impactos diretos na sociedade tanto econômicos, como sociais. De certa forma as áreas vazias representam algo para alguém, como as imobiliárias que visam lucro com os lotes vazios nos centros urbanos ou os moradores de rua, que utilizam os viadutos como abrigo em noites frias. É difícil acreditar que um espaço sem significado para a cidade, possa pertencer a alguém, porém, a partir do momento que ele é cuidado e, de certa forma preservado por um cidadão, o espaço passa a representar mais do que um simples vazio.

Fernando Fuão explica que muitos desses espaços são resíduos de grandes intervenções urbanísticas, viadutos, desvios de ruas, cruzamentos e outros, intrínsecas nos centros urbanos, só percebidos com um olhar atento, por isso também chamados de interstícios.

“Hoje, culpamos a arquitetura moderna por ter provocado uma série de vazios urbanos, ou melhor: de ter planejado uma série de espaços vazios. Mas se observarmos bem, eles eram cheios de conteúdo, de intencionalidade, deveriam ser áreas públicas, áreas verdes, praças, jardins, playgrounds, creches, escolas..., a velha ideia do comunismo, em seu sentido positivo do comum, que a terra, o chão pertence a todos, é comum a todos, igual a todos.”(FUÃO,2012.Fonte:<<http://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/10/arquitetura-e-vazio.html>>, acesso em: 10/03/17).

O problema maior é entender a individualidade desses espaços e aprender a trabalhar o indivíduo de forma coletiva. Unir o vazio ao ser humano. O vazio é um espaço suscetível a apropriação dos indivíduos, porém, quando o processo de apropriação não ocorre, este espaço se torna uma área ociosa/inutilizada.

O descaso das prefeituras com esses locais são um exemplo para a sociedade que os veem como locais propícios para a violência e sinônimos de insegurança. Cabe ao arquiteto e urbanista dar fim a esses vazios, visto que ele é o único profissional que permeia diferentes áreas do conhecimento, que consegue unir o olhar sensível e social ao projeto, sendo capaz de elaborar uma solução possível para requalificar aquela área (FUÃO, 2012).

1.2 – Vazios urbanos, por Jane Jacobs

Jane Jacobs (2007) é uma autora conhecida internacionalmente por tratar de questões relacionadas as grandes cidades. Ela aborda diferentes assuntos em seus estudos, um deles é o conceito de “anti-cidade”, que demonstra a falta de socialização dentro do meio urbano. Seus estudos apontam que os maiores causadores dessa perda de vivacidade das cidades é a falta de gestão, ou a gestão errônea que atua diretamente no planejamento urbano das cidades. A busca por bairros “autônomos”, voltados para um grupo pequeno de pessoas destrói qualquer relação dos seres humanos com a cidade, pois alteram-se os usos e ocorre a desvalorização dos espaços públicos. No Brasil podemos entender esses bairros autônomos como os condomínios fechados.

A gestão dos centros urbanos não tem se preocupado com as áreas públicas. De acordo com Jane Jacobs (2007), os desenhos urbanos tradicionais ou “ortodoxos” favorecem muito para a criação de espaços monótonos, padronizados, sem vida e vazios. Ela afirma que a necessidade por espaços de convivência é mais do que necessário para a retomada da qualidade de vidas dos cidadãos. Para quebrar esses espaços monótonos a pesquisadora explica e dá exemplos de parques e praças presentes nos Estados Unidos da América, mostrando que eles podem ou não ser a chave para a construção de espaços ativos. Outro espaço mencionado são os parques de bairros, áreas que apresentam menor escala e estão alocados mais próximos da população. Todos esses espaços públicos são elementos que contribuem para a vitalidade urbana, porém faz-se necessário refletir

e planejar esses lugares com muito critério para que os mesmos não se tornem vazios urbanos.

“Os parques urbanos ou espaços similares são comumente considerados uma dádiva conferida à população carente das cidades. Vamos virar esse raciocínio do avesso e imaginar os parques urbanos como locais carentes que precisem da dádiva da vida e da aprovação conferida a eles. Isso está de acordo com a realidade, pois as pessoas dão utilidade aos parques e fazem deles um sucesso, ou então não os usam e os condenam ao fracasso”. (JACOBS, 2007, p.97).

Este trecho expõe o entendimento sobre espaços voltados ao público, os locais só obtêm êxito se forem utilizados pelas pessoas, caso contrário, ele irá se tornar um vazio urbano. O vazio urbano na visão de Jacobs (2007) é todo o espaço voltado para a população que não é utilizado, espaços abandonados, mal utilizados e sem qualquer atividade humana: parques vazios, praças abandonadas ou locais que não forneçam nenhum tipo de convívio social. Esses vazios geram grandes adversidades para as cidades, são lacunas em meio a malha urbana que favorecem a insegurança, a violência e o mau uso desses espaços. Mais áreas vazias significa mais descontinuidade nas cidades.

A grande questão é que na visão ortodoxa dos gestores das cidades, dentre eles urbanistas, engenheiros e políticos, apresenta as áreas livres como espaços de qualidade para a população e com a visão de Jacobs podemos entender que isso não acontece. Visto que já existem muitos vazios, criar mais praças e parques pode ocasionar em mais vazios. O potencial dessas áreas está justamente na possibilidade de fornecer maiores relações sociais, ainda mais interessante é o fato de estarem espalhadas em toda a malha urbana, podendo construir facilmente uma rede de espaços públicos de qualidade. Para que isso aconteça são necessárias intervenções urbanas adequadas nesses pontos, assim eles poderão oferecer o que existe de melhor, a vivacidade.

Em uma tentativa de desmistificar a ideia de “áreas livres”, defendida por administradores das cidades, a autora expõe praças e parques inadequados. Neles ela questiona sua existência, localização e função social, problematizando o abandono e o desinteresse pela população.

“Os parques impopulares preocupam não só pelo desperdício e pelas oportunidades perdidas que implicam, mas também pelos efetivos negativos constantes. Eles sofrem do mesmo problema das ruas sem olhos, e seus riscos espalham-se pela vizinhança, de modo que as ruas que os margeiam ganham fama de perigosas e são evitadas”. (JACOBS, 2007, p.103).

Muito se espera de áreas públicas. Elas estão muito distantes de transformar o seu entorno, quanto mais as cidades em que estão alocadas. É preciso se atentar para o olhar da população sobre esses locais, as pessoas têm o “poder” de abraçar ou abandonar os espaços públicos. Quando a vizinhança se interessa por determinado ponto na cidade, mais pessoas são atraídas e possivelmente aquele espaço terá sucesso.

Alocar um parque ou praça com usos variados pode ser uma boa opção, já que atendem a públicos diversificados, que possuem compromissos, horários e preferências de lazer distintos (JACOBS, 2007). Um vazio pode usufruir da mesma ideia, facilitar o uso de diferentes pessoas ou induzir o uso por diferentes usuários, a variedade pode construir um espaço de qualidade.

1.3 – Vazios urbanos, por Milton Santos

O campo da Geografia traz grandes benefícios para os estudos relacionados as cidades. Os geógrafos têm a capacidade de entender o espaço de uma forma mais técnica e analítica, extraindo dados e gráficos muito pertinentes para o entendimento do meio urbano. Milton Santos, prêmio Vautrin Lud, em 1994 é um dos geógrafos que mais contribuiu para o desenvolvimento de pesquisas nas grandes cidades contemporâneas. O pesquisador deu seu parecer em diversos conceitos aplicados na Arquitetura e Urbanismo, dentre eles os vazios urbanos.

Para a concepção do termo de vazios, Milton Santos aborda a construção e desenvolvimento dos grandes aglomerados populacionais. A cidade de São Paulo é dada como exemplo, explanando sobre a sua construção dos anos 1870 até meados dos anos 90. Nessa abordagem o autor aponta o crescimento desenfreado da metrópole, que em seu parecer, obteve um crescimento urbano muito maior do que populacional, ou seja, a malha urbana teve um crescimento muito superior ao número de habitantes (SANTOS, 1990). Ele compara o crescimento de cidades de países subdesenvolvidos com países desenvolvidos e expõe a diferença gritante

entre os aglomerados. Uma cidade da Espanha manteve a sua área territorial inalterada por cinquenta anos, a cidade de São Paulo em contrapartida teve um aumento de 4,5 vezes o número da área existente nos mesmos cinquenta anos. Esse fenômeno de crescimento se aplica em diversas cidades brasileiras como Salvador, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

“Se esse fenômeno é praticamente comum aos países subdesenvolvidos, mostra, todavia, como aliás é normal, uma especificidade para cada cidade. Assim, no caso de São Paulo, combinam-se causas gerais ligadas à história geral da urbanização do terceiro mundo a razões mais particulares, devida a história do país, da região e do próprio lugar”. (SANTOS, 1990, p.23).

Esse tipo de crescimento gera consequências, a falta de transporte é um deles. As cidades subdesenvolvidas apresentam grandes extensões, que devem ser amenizadas com transportes de massa, como metrô e trens, todavia isso não é visto na maioria das cidades brasileiras. Segundo Santos, a cidade de São Paulo em 1980 apresentava uma linha de metrô de 20km, que em hipótese nenhuma, atenderia a população e seu descolamento diário. O autor aborda essa questão do transporte para justificar o incentivo que os administradores da cidade deram ao transporte individual e rodoviário. Esse estímulo alavancou ainda mais a expansão horizontal da cidade. “Esse crescimento horizontal é um traço antigo da evolução paulistana que iria marcar a fisionomia da cidade” (SANTOS, 1990).

De acordo com Milton Santos, a tendência da construção de uma malha urbana espalhada cria uma intercalação de construções e conseqüentemente cria mais áreas vazias entre as zonas territoriais. A cidade expande os seus limites deixando o seu interior uma quantidade de terrenos vazios. Áreas vazias que são um convite para a especulação imobiliária. Para o pesquisador os vazios urbanos são áreas que no crescimento das cidades são abandonados por falta de gestão e de projeto, muitas das vezes fruto da especulação imobiliária e do crescimento desordenado da malha viária.

O estudo do autor prossegue apresentando dados quantitativos das áreas não utilizadas nas grandes cidades. Alguns centros urbanos tem uma área de mais da metade do seu território em terrenos vazios. Na cidade de São Paulo o índice chega a 43% da área disponível (Lúcio Kowarick e Milton Campanário *apud* Milton

Santos). O mais interessante é que a maior concentração das áreas desocupadas encontram-se nas áreas periféricas da cidade e o centro conta com menos de 1% dos vazios que a metrópole apresenta. Essas áreas estão sobre domínios diferentes, os proprietários privados detêm a maioria esmagadora de áreas vazias, enquanto a prefeitura e o poder público contam com apenas 1,6% desses vazios (SANTOS, 1990).

“O resultado, como em São Paulo, é o reforço de um modelo de expansão radical, deixando espaços vazios nos interstícios e abrindo campo à especulação fundiária. [...] O mecanismo de crescimento urbano torna-se, assim, um alimentador da especulação, a inversão pública contribuindo para o processo”. (SANTOS, 1990, p.31).

Conforme Santos, caso esses vazios fossem utilizados, seria possível dobrar a população da cidade sem modificar nenhum ponto da malha urbana. Isso traria muitos benefícios, deixaria a cidade mais coesa, menos vazia e mais segura. Outro ponto é que essas áreas poderiam ser utilizadas por outras classes sociais, fornecendo habitações para aqueles que não tem.

1.4 – Vazios urbanos, por Andréa Borde

O entendimento sobre o tema na visão da arquiteta Andréa Borde também contribuirá para a formação do conceito de entre espaços. Em seu texto ela problematiza as diferentes construções de vazios e suas respectivas definições, assim como outros autores. Ela defende duas definições para os vazios, uma delas é dita como o vazio das praças, parques e áreas verdes, que configuram os espaços de sociabilidade. Por outro lado, ela aponta a situação mais problemática de vazios, os espaços residuais gerados pelo processo capitalista na construção do espaço, locais que expressam descontinuidade. Lugares e edificações que estão em processo de esvaziamento e abandono, edifícios ociosos, praças abandonadas e ruínas. Essa dupla condição define os vazios urbanos de Borde.

“O que faz deles vazios urbanos são os aspectos formais, funcionais, simbólicos e políticos diretamente relacionados à sua condição urbana. Neste sentido, a análise dos vazios urbanos deve estar atrelada à compreensão das características do processo de urbanização.” (BORDE, 2004, p.1).

A cidade contemporânea tem como um dos elementos centrais os vazios urbanos, que está associado a inúmeras adversidades na consolidação da malha urbana. Dentre os problemas, as questões sociais são as mais impactantes no meio urbano já que interferem diretamente nas relações entre as pessoas e na qualidade do espaço. Todavia esse problema gera grande inquietude e conseqüentemente incentiva os investimentos para tentar solucionar essas questões. Investimentos públicos e privados ligados aos projetos urbanos e a implementação de políticas públicas configura uma questão paradigmática para entender o meio urbano contemporâneo (BORDE, 2004).

Segundo Andréa, compreender a relação entre os problemas sociais e suas soluções é primordial para entender o contexto das cidades brasileiras. Onde se verifica que o custo da infraestrutura está ligado ao processo de periferização que conseqüentemente caracterizou a formação metropolitana. Ou seja, a falta de infraestrutura nas regiões periféricas é o maior agravante para os problemas sociais, já que os locais são carentes de água, luz e transporte, portanto diminuem a qualidade de vida das pessoas que moram nessas regiões. A autora explica que com tantos vazios inseridos nos centros urbanos é uma perversidade deixar de ocupa-los e continuar mantendo a população mais carente em áreas isoladas.

“A hipótese principal desta pesquisa é de que, em uma perspectiva contemporânea da história da cidade, o vazio urbano não é um fragmento da cidade, mas um outro lugar, que estabelece um contraponto com o ritmo urbano do seu entorno imediato ao vivenciar a singularidade de ser atravessado por diferentes tempos urbanos. Através das relações que estabelece com o contexto urbano este outro lugar contribui para a constituição de uma outra cidade.” (BORDE, 2004, p.2).

Nesta citação a autora mostra a principal questão sobre o seu texto. Ela relata que o vazio urbano é um componente da cidade que tem o poder de construir uma outra cidade, uma cidade melhor e com menos problemas sociais.

A cidade contemporânea não deve ser mais pensada como antigamente, sua estrutura mudou, as pessoas mudaram e as políticas de gestão também, sendo assim, novas referências e procedimentos devem ser utilizados. Os vazios por exemplo, permitem um aprofundamento e compreensão de características atuais no

processo urbano, de forma articulada em vários níveis da dinâmica do meio urbano. Além de ser uma ferramenta essencial para resolver problemas atuais.

1.5 – Conceito de entre espaços

Frente a diversidade de conceitos e teorias sobre os vazios urbanos é necessário aprimorar o entendimento do termo de acordo com o enfoque do trabalho. Os entre espaços são uma compilação de informações de lacunas urbanas presentes na malha urbana, com o enfoque na realidade das cidades brasileiras contemporâneas. Entende-se que, perante os vários conceitos, não seria correto afirmar que apenas um deles é o ideal, sendo assim, a união e o aprimoramento dessas ideias constituirá o entre espaços.

Os diferentes vazios urbanos presentes nas cidades causa grande estranheza para qualquer cidadão, pois é muito difícil afirmar ao certo o que realmente aquele espaço representa. A presença de um vazio urbano influencia diretamente no seu entorno, as pessoas se comportam diferentes diante daquele local. Muitas das vezes essas áreas são abandonadas pela população, o vazio não é compreendido como um potencial para a melhoria das cidades. O pensamento de entre espaços busca dar mais notoriedade as essas áreas vazias, estimulando a população a enxergar e imaginar uma função para esses locais.

A utilização do termo entre espaços requer a presença de alguns elementos, os autores citados no capítulo contribuirão para fundamentá-los. Os pesquisadores abordam esses vazios de formas diferentes, apesar disso existe um ponto em comum, as abordagens são feitas de acordo com a relação do ser humano na presença daquele espaço. Mesmo apresentando de formas diferentes todos salientam como as pessoas veem aquele local, tanto a população quanto os administradores das cidades. Milton Santos, por exemplo, explica que os vazios urbanos pelo olhar dos especuladores são terrenos vazios prontos para gerar mais lucro e mais especulação imobiliária. Jane Jacobs aponta que os vazios são fruto da não utilização de áreas públicas pelas pessoas, porém é pelo olhar das pessoas que eles se tornam vazios, já que a população não consegue obter motivos para usar aquele espaço. Essa questão da percepção dos seres humanos perante a lacuna urbana defende o primeiro fundamento de um entre espaço, só pode ser

considerado como tal, quando as pessoas demonstram o entendimento da existência sobre aquele espaço.

Outro elemento que também está relacionado com a percepção do ser humano é a relação de pertencimento e atribuição de uso. Quando um local, mesmo sendo vazio, apresenta uso, ou as pessoas criam um sentimento de identidade com o espaço, este pode ser nomeado de entre espaço. Margens de rio, baixio de viadutos, logradouros com grande área, calçadas largas são exemplos de entre espaços utilizados pelas pessoas.

Locais que encontram-se desconectados da cidade, áreas que estão degradadas ou abandonadas também configuram um elemento na formação do conceito deste estudo. Andrea Borde revela em seu texto que áreas descontínuas da cidade, edifícios sem uso e praças deixadas de lado configuram vazios urbanos, esse pensamento será incorporado na construção do conceito de entre espaços. Esse apontamento da autora é válido também para parques, áreas verdes e espaços públicos que não são utilizados de forma adequada, ficando a margem da apropriação da população.

Entre todas as abordagens vistas até aqui, a de Fernando Fuão é a que mais se aproxima do que podemos definir como um entre espaço. O autor explica que o vazio é algo imaterial, invisível e ao mesmo tempo perceptível. No momento que o espaço se mostra confuso e cria uma sensação de insatisfação e descontentamento é visto como um vazio urbano. O entre espaço compartilha dessa teoria, um local que incomoda a população e gera insatisfação deve ser estudado e solucionado, dar possíveis usos para aquele local pode torná-lo mais atrativo.

Concluindo, um entre espaço pode ser um terreno vazio inserido na malha urbana, vítima da especulação imobiliária. Como os vários terrenos presentes na maioria dos centros urbanos das cidades brasileiras, que esperam durante longos anos sua valorização ou um projeto que venha a oferecer grande lucro para o proprietário. Pode ser também um espaço qualquer que está sob o olhar das pessoas, ou seja, um local que está presente na cidade, mas não fornece a função social que deveria. Um exemplo são as beiras de rio, linhas de trem e espaços públicos que não criam relações sociais. Considera-se também entre espaços áreas que estão abandonadas ou não apresentam uso, tais como ruínas de edificações,

praças vazias, parques mal utilizados e calçadas despovoadas. E os espaços que instigam a vontade de ocupação, ou de certa forma já são usados por algumas pessoas devem receber a mesma designação: baixio de viadutos, prédios abandonados, passeios com marquises que podem abrigar pessoas e outros.

1.6 Entre espaços na cidade de Juiz de Fora

Para exemplificar o tema deste capítulo será utilizado a cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, como área de estudo para a aplicação do conceito. O município apresenta diversos entre espaços, todos eles seguem pelo menos um os fundamentos apresentados que configuram o termo.

A cidade de porte médio não foge as demais de seu país, a desorganização e o uso e ocupação do solo é feito de forma desigual. Percebe-se que o arranjo da cidade está em torno do eixo centro sul, que abriga as maiores áreas de comércio e serviços, obrigando a maioria da população a ir em direção a essa área. A cidade é considerada polo regional de comércio e saúde na região da zona da mata, atraindo grande contingente de pessoas de outros pequenos municípios do entorno. A saturação de pessoas gera diversos problemas sócio econômicos em todo o município.

A construção espacial da cidade é complexa, muitas regiões foram formadas de acordo com o interesse de imobiliárias e outras de acordo com a construção da malha viária. Em consequência diversas áreas foram deixadas de lado e perdidas na formação espacial tornando-se vazios urbanos. Esses locais apresentam-se de forma inesperada e configuram uma abundância de formas e concepções, assim como os entre espaços.

O centro da cidade apresenta diversos entre espaços, em sua maioria são terrenos vazios vítimas da especulação imobiliária, grandes lotes que aguardam a valorização do terreno e não cumprem sua função social. Milton Santos aponta esses locais como uma solução para o déficit habitacional. Na região central alguns entre espaços chamam a atenção, como o terreno na Avenida Itamar Franco esquina com a Brás Bernardino (FIGURA 01 e 02). Ao longo da Avenida Barão do Rio Branco são diversos os exemplos de entre espaço (FIGURA 03 e 04).

Figura 01 – Terreno desocupado na Avenida Itamar Franco



Fonte: Google mapas, acesso em 15/05/2017.

Figura 02 – Vista interna do terreno



Fonte: Acervo do autor

Figura 03 – Terreno ocioso na Avenida Barão do Rio Branco, próximo ao Alto dos Passos



Fonte: Google maps, acesso em 15/05/2017.

Figura 04 - Espaço em busca da valorização



Fonte: Google maps, acesso em 15/05/2017.

Esses terrenos são exemplos de que nas áreas mais valorizadas é onde a especulação mais atua, sem nenhum tipo de implicação. Milton Santos apresentaria esses espaços como vazios urbanos, todavia esses locais adquirem a posição de entre espaços, uma vez que as áreas estão lá pelo interesse de seus donos na valorização do local, além desses locais apresentarem grande insatisfação dos cidadãos. É nítido pelas pessoas que aquele local poderia estar sendo utilizado de outra forma, seja na forma de áreas de lazer ou mesmo como habitações.

Outros locais que estão presentes na cidade e apresentam pouco uso ou quase nenhum devem receber atenção, os mesmos podem ser entendidos como

entre espaços. Vazios que de alguma forma criam uma sensação de pertencimento para algum indivíduo ou são referência e geram identidade. Como o “mergulhão”, também na Avenida Rio Branco próximo ao bairro Manoel Honório (FIGURA 05 e 06), os viaduto Ramirez Gonzalez na Avenida Juscelino Kubitschek (FIGURA 07), as margens do rio Paraibuna (FIGURA 08) e até mesmo a linha do trem que corta a cidade em inúmeros pontos (FIGURA 09).

Figura 05 – Vista do mergulhão



Fonte: Acervo do autor.

Figura 06 – Vista dos pedestres na parte superior da passagem de nível



Fonte: Acervo do autor.

Figura 07 – Espaço residual promovido pelo viaduto



Fonte: Acervo do autor.

Figura 08 – Margens do rio Paraibuna



Fonte: Acervo do autor.

Figura 09 – A diferença de espaços presente na linha do trem



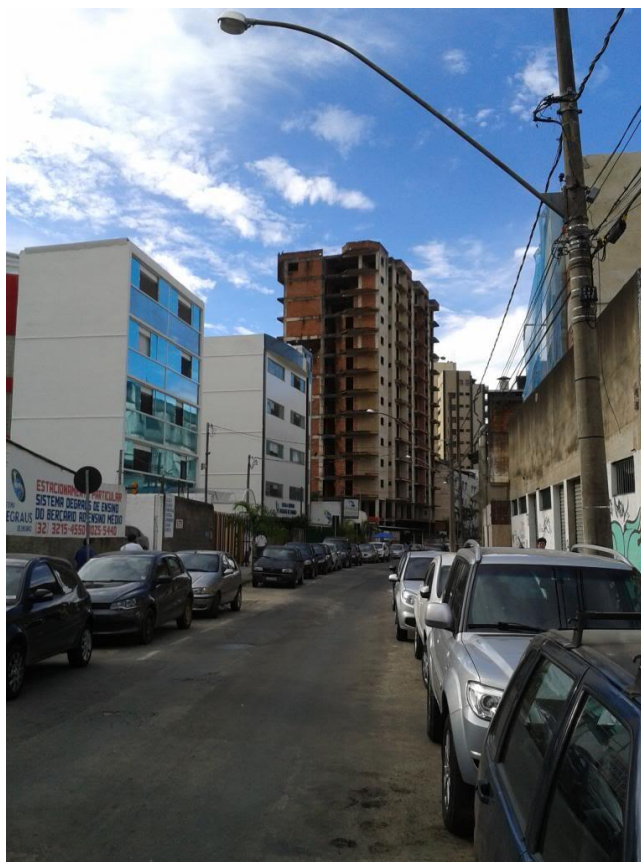
Fonte: Acervo do autor.

Por que essas áreas são consideradas entre espaços? Porque todas elas apresentam o fundamento mais importante da conceituação desse termo, a presença e a vontade de habitar dos seres humanos naquele espaço. O mergulhão apresenta uso contínuo de pedestres, mas não pode ser considerado um lugar de

permanência, muitos usuários relatam a insegurança. A ocupação dos baixios dos viadutos acontece de forma espontânea pelos moradores de rua, para eles aquele espaço é fundamental. As margens do rio podem ser vistas como uma das maiores áreas de lazer que o habitante de Juiz de Fora pode ter, contudo a área não é destinada para esse fim, não tem tratamento e não fornece condições adequadas para a prática de atividades físicas. A linha do trem é vista para muitas pessoas como uma área desconectada da cidade, uma área muito grande que é somente uma barreira física. Muitos alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora já apresentaram estudos e projetos para a utilização daquele espaço, tornando mais ativo e conectado ao resto do município.

A cidade apresenta outros exemplos de entre espaços, alguns deles seguem o fundamento de locais abandonados e sem uso, de acordo com Andrea Borde. Alguns edifícios abandonados são grandes marcas na paisagem, vários estão esquecidos por décadas e causam grande desconforto para a população. Os prédios da construtora Encol (FIGURA 09) na rua Severino Meireles, no bairro São Mateus, são exemplos conhecidos para os cidadãos da cidade. Os edifícios geram uma quebra da continuidade da cidade. Hoje são abrigos para algumas pessoas que não tem moradia, mostrando claramente na prática qual a solução adequada para aquela construção, uma habitação de interesse social, inserida na malha urbana e com grandes chances de sucesso, já que todos os equipamentos urbanos circundam o local. Outros exemplos são o edifício da rua Doutor Romualdo, também abandonado a muitos anos (FIGURA 10) e o palacete Fellet na Avenida de Itamar Franco (FIGURA 11 e 12) que também é abrigo para moradores de rua e encontra-se em total ruína.

Figura 09 – Construção inacabada dos edifícios da construtora Encol



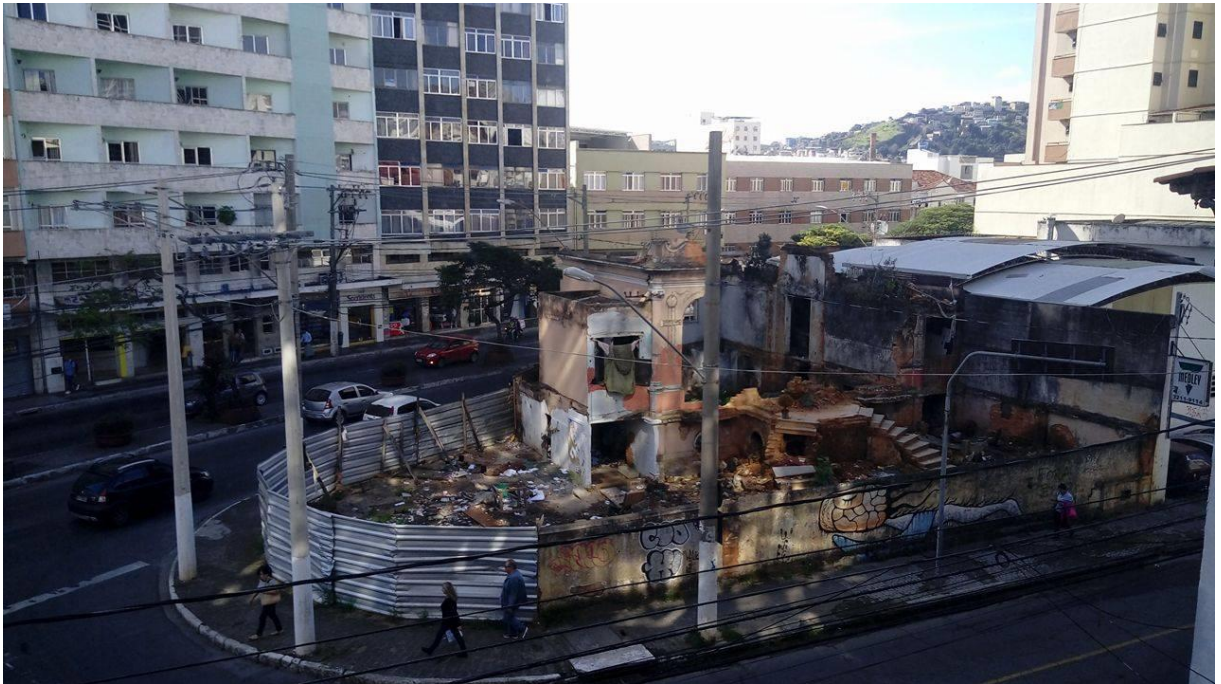
Fonte: <https://goo.gl/qRslkG>, acesso em 16/05/2017.

Figura 10 – Edifício abandonado na rua Doutor Romualdo



Fonte: Google mapas, acesso em 16/05/2017.

Figura 11 – Palacete dos Fellet em ruínas



Fonte: Acervo do autor

Figura 12 - Desconexão com o entorno do palacete dos Fellet



Fonte: Acervo do autor.

Além dos edifícios, as praças e locais públicos abandonados também são assuntos tratados por Borde (2004). Essas áreas são muito relevantes para o estudo

em questão, já que esses espaços têm grande importância na relação das pessoas com os espaços públicos. Ter uma praça sem utilização é o mesmo que retirar um pedaço da cidade da mão das pessoas, essas áreas devem ser tratadas o quanto antes.

A praça da República (FIGURA 13 e 14), na rua Osório de Almeida, bairro Poço Rico é um grande exemplo de espaços públicos subutilizados. A praça ocupa uma grande área em um bairro com poucas opções de lazer, os únicos habitantes desses espaços mais uma vez são os moradores de rua. Outro caso parecido é a pequena praça denominada Rubem Abreu (FIGURA 15), localizada no bairro Jardim Glória, na rua Visconde de Mauá. O local passa a maior parte do dia vazio, algumas pessoas até utilizam o espaço, mas em momentos aleatórios e por pouco tempo. Outro caso que pode ser citado é a Curva do Lacet (FIGURA 16), na Avenida Itamar Franco. Esse espaço é extremamente polêmico já que outrora era um espaço público de lazer da comunidade do bairro Dom Bosco, o local sofreu o processo de gentrificação e hoje não passa de um entre espaço.

Figura 13 – Espaço vazio da praça da República



Fonte: Acervo do autor.

Figura 14 – Monumento abandonado



Fonte: Acervo do autor.

Figura 15 – Praça Rubem Abreu



Fonte: Acervo do autor.

Figura 16 – Curva do Lacet, reduzida a uma simples passagem



Fonte: Acervo do autor.

Somado a todos esses entre espaços estão os locais que se apresentam de forma mais discreta e sensível, os espaços que devem ser analisados por um determinado tempo para que se possa concluir o seu significado. Locais que estão ligados diretamente a percepção do ser humano e como são entendidos. Fernando Freitas Fuão aponta esses locais como áreas invisíveis e imaginárias, porém existentes e sensíveis a percepção de cada pessoa. Visto a necessidade de uma percepção mais aguçada desses espaços, é mais difícil apresenta-los. Em Juiz de Fora é possível percebê-los na Avenida Rio Branco, parte alta no bairro Boa Vista (FIGURA 17). Os canteiros centrais da via são largos e com uma vegetação muito convidativa, fazendo com que algumas pessoas se sentem embaixo das árvores para um momento de descanso, no horário de almoço principalmente. Porque não torná-los de fato um local de permanência? Os moradores daquela região questionam isso. Outro local que gera um desconforto para os passantes é a rua Ângelo Falci, embaixo do viaduto (FIGURA 18), no bairro Poço Rico. A passagem é assustadoramente indefinida, não existe um espaço definido, a única relação que o espaço proporciona é desconfiança e inquietação. Os que passam por ali, passam depressa e evitam permanecer ali.

Figura 17 – Canteiros da Avenida Rio Branco



Fonte: Acervo do autor.

Figura 18 – Baixio do viaduto Augusto Franco



Fonte: Acervo do autor.

A cidade apresenta uma grande variedade e quantidade de entre espaços, o que nos leva a uma questão: Será que o Município de Juiz de Fora necessita de mais praças, áreas públicas e ainda mais espaços? A abundância de vazios

representa algum problema na construção da cidade? Ou um manejo inadequado dos espaços? Perante a essas questões o estudo, mais uma vez, busca responder minimamente a essas adversidades.

A cidade não necessita de mais espaços públicos, os entre espaços presentes na malha urbana tem total condição de aumentar e melhorar as áreas de convívio da população. E se for possível analisar cada exemplo citado é provável que mais soluções e valorização dos espaços sejam alcançados. A abundância de espaços ociosos representa sim um problema na construção do todo. Milton Santos reitera os diversos problemas gerados por esses locais, dentre eles a descontinuidade da cidade, que torna mais recorrentes as áreas vazias e conseqüentemente mais inseguras. Além de produzir áreas marginalizadas e segredadas. Certamente o gerenciamento dos espaços é feito de forma inadequada. Hoje na cidade, não temos políticas que agregam os espaços as comunidades ou que promovam a utilização das áreas públicas, cria-se muito pouco convívio social. Usando o discurso de Jane Jacobs, quanto mais pessoas nas ruas, mais segurança e qualidade de vida teremos (JACOBS 2007). É preciso incentivar as propostas e os usos desses espaços menosprezados, eles têm a capacidade de construir uma cidade mais coesa e viva.

Capítulo 2 – Cidades hostis

A liberdade das pessoas e o convívio social são pontos fundamentais para a construção do meio urbano. As cidades têm o papel de fornecer as áreas que sejam propícias para a interação social, para todas as pessoas, sem discriminação. Todavia nem sempre é possível fornecer espaços públicos para o convívio dos cidadãos, isso se dá pelos altos índices de crescimento populacional, que vem aumentando vertiginosamente em todos os países, segundo a ONU (Organização das Nações Unidas). A falta de espaços públicos e a má qualidade das áreas presentes no meio urbano geram ainda mais problemas sociais. Os indivíduos com um limite físico de áreas livres, acabam se apropriando de outros espaços a sua maneira. Isso acontece com todas as classes sociais, visto que a necessidade por áreas públicas é essencial para o ser humano. Essas áreas ocupadas podem ser diversificadas, tudo depende da necessidade da população em ambientes não privados e externos. Nestes ambientes é onde se consegue uma interação com

outras pessoas, passar o tempo, se exercitar, viver o ambiente e apreciar a natureza.

As apropriações acontecem de maneira espontânea nos locais apropriados e planejados para receber pessoas, como praças e parques, o uso ocorre de maneira adequada, os espaços fornecem os tipos de uso e a população usufrui do mesmo. Não existindo áreas apropriadas a ocupação pode acontecer de maneira irregular, podendo gerar problemas e atritos sociais. Como é visto nos grandes centros urbanos, na qual a relação entre espaços públicos e as pessoas é menor do que o desejado. Visto que a falta de segurança, a presença de moradores de rua e usuários de drogas causam um estranhamento da população com locais coletivos. Opta-se, então, por uma política de limpeza das ruas e uma organização forçada dos usos. É possível perceber essas condicionantes em grandes áreas livres, tanto no Brasil quanto no exterior.

No Rio de Janeiro, por exemplo, o projeto do Porto Maravilha é um exemplo de organização do uso, segundo Christopher Gaffney (2013) a orla do porto é claramente um projeto político que visa eliminar o uso daquele espaço por pessoas de baixa renda, já que a obra foi destinada a atender o público estrangeiro, excluindo os moradores das favelas da região. Gaffney explica que essa organização de usos e delimitação de público pode ser entendida como gentrificação. O autor ainda explica que existem níveis de gentrificação que atuam de formas diferentes.

“[...] a possibilidade de que estejam ocorrendo múltiplas formas de gentrificação em diferentes níveis, em diferentes regiões da Cidade, envolvendo diferentes atores e com diferentes resultados. Tais dinâmicas imobiliárias, distintas, porém relacionadas, apontam para a inadequação de uma gentrificação singular. Assim, proponho aqui um uso do termo no plural: gentrificações.” (GAFFNEY, 2013, p.7).

O pesquisador ainda compara os processos de gentrificação no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos, identificando similaridades no processo. Ele explica que a gentrificação, independentemente do local tem a mesmo papel, que é deslocar um grupo social por outro grupo que tenha melhores condições econômicas e sociais. Reorganizando os indivíduos em determinadas regiões de acordo com o

estilo de vida e características culturais. (GAFFNEY, 2013). Sua explicação aponta esses problemas até mesmo no centro da França, onde as áreas mais frequentadas por turistas e pessoas abastadas sofrem modificações para expulsar ou inibir o uso por certas camadas da sociedade.

Os gestores das cidades buscam, mesmo que de forma despretensiosa, designar quais locais podem ou não abrigar a apropriação popular, com o intuito de evitar impasses. Qualquer forma de exclusão social para Gaffney seria um tipo de gentrificação, contudo alguns pesquisadores, como Pedro da Luz Moreira, presidente do IAB-RJ (Instituto dos Arquitetos do Brasil do Rio de Janeiro) pensam diferente. Eles acreditam que intervenções mais diretas com pequenos equipamentos, restrição de uso, impossibilitam a apropriação espontânea e outras ações do cotidiano podem ganhar outro nome, como o de “arquitetura hostil”, termo que está sendo muito aplicado recentemente, mas que ainda não apresenta uma definição exata.

A arquitetura hostil pode ser entendida como pequenas intervenções impregnadas na paisagem urbana. Um olhar despercebido pode não conseguir enxergar como os espaços públicos estão repletos de hostilidade. Bancos públicos inclinados e divididos que delimitam a quantidade de pessoas para sentar e como elas devem se posicionar (FIGURA 19), passeios tortuosos e estreitos, canteiros com quinas vivas (FIGURA 20), cercas, placas de proibição (FIGURA 21), espetos metálicos nas beiradas (FIGURA 22), são exemplos de como uma cidade pode ser ofensiva obrigando ou induzindo os seus usuários.

Figura 19 – Banco dividido



Fonte: <https://goo.gl/AZ0cNL> (2016), acesso em 20/02/2017.

Figura 20 – Canteiros com quinas vivas



Fonte: <https://goo.gl/bTFAp5> (2016), acesso em 20/02/2017.

Figura 21 – Proibido pisar na grama



Fonte: <https://goo.gl/DGaR7K> (2017), acesso em 20/02/2017.

Figura 22 – Espetos metálicos



Fonte: <https://goo.gl/NrvHdw> (2016), acesso em 20/02/17.

Essa gestão urbana chamada de arquitetura hostil, planeja moldar o comportamento comum das pessoas. Como mencionado por Crhistofer Gaffney

(2013), na Europa os problemas de restrição dos usos também são encontrados. Um exemplo é a cidade de Londres, a presença de equipamentos inibidores de uso, como “pontas de aço” que promovem o desconforto dos indivíduos em bancos de pontos de ônibus, bancos de praças, canteiros que podem servir de assento e qualquer outro objeto que possa fornecer algum espaço de permanência. O objetivo das autoridades, neste caso, é evitar o uso desses equipamentos públicos para a permanência de moradores de rua, ou baderneiros que possam tumultuar a paz do ambiente.

Além desses instrumentos diretos, existem aqueles que podem passar despercebidos, mas causam um grande desconforto nas pessoas, como as câmeras de vigilância, calçadas estreitas, muros muito altos, iluminação excessiva, falta de sombreamento e inclusive uma arquitetura ruim, como um local que não oferece interatividade, sem áreas de permanência, ausência de sombras e uma linearidade cansativa aos olhos.

“Uma arquitetura que isola também é hostil e potencializa a violência. Em tese, uma cidade deve acolher pessoas diferentes. Devemos nos acostumar com a presença do outro, com generosidade. Essa é a função de uma cidade, bem diferente de um clã fechado. Mas quando ela passa a não ser amistosa, perde o sentido.” (MOREIRA, 2016.)

Outro exemplo é a cidade de Belo Horizonte, os bancos são desenvolvidos com o objetivo de inibir a permanência da população. Os assentos são estreitos, inclinados e sem encosto, além dos bancos com braços no meio, evitando qualquer possibilidade de um morador de rua, por exemplo, se deitar. Quando se trata de coibir a permanência de pessoas o público alvo na maioria das cidades é o mesmo, moradores de rua, skatistas, praticantes de parkour. Entretanto o alcance dessa hostilização é muito maior, abrangendo toda a população. Um simples ato como descansar não pode ser praticado nas ruas, é muito difícil arrumar um lugar no meio público para se deitar no horário de almoço, ou uma área para ler um livro e assim por diante.

Grande parte desses equipamentos são introduzidos nas cidades após a apropriação daqueles espaços, uma resposta ríspida para a liberdade das pessoas. Isto mostra que os locais públicos de permanência são descartados pelos gestores

das cidades e até mesmo pela população, descartados por não saberem como qualificar esses locais, evitando assim o uso indevido dos mesmos. Os efeitos dessas políticas de exclusão são extremamente danosos para todos. Criam-se outros problemas como a intolerância e a falta de segurança, já que a gentrificação fica evidente em toda a cidade, visto os moradores de rua que sofrem com a violência e a insegurança. Além de tornar os espaços públicos mais vazios sendo possível que a criminalidade aumente em áreas com pouco movimento.

A construção desse conceito de cidade hostil afeta principalmente as camadas mais baixas da sociedade. Em razão da vontade de pessoas mais abastadas não admitirem ver pobres e moradores de rua em suas proximidades. A população de rua é sempre empurrada para as áreas marginais, ou para locais onde não possam ser vistas, embaixo de pontes e viadutos por exemplo, confirmando mais uma vez que a sociedade atual trata os mesmos como seres invisíveis e sua existência não é necessária. Contudo o conceito contrário da hostilidade visto nas cidades é a requalificação de espaços vazios, utilizando projetos que incitem a reocupação da população em locais públicos, sendo a ideia chave do estudo em questão. O termo de “cidade hostil” deve ser melhor compreendido com a abordagem de Gaffney (2013), que explica que todo e qualquer tipo de repressão, controle e proibição é um tipo de gentrificação. Concluindo, as cidades hostis são áreas urbanas que apresentam a gentrificação em pequenos atos, como os citados anteriormente.

Diante do teor negativo de cidades hostis, existe o contraponto da requalificação urbana que busca reverter esse quadro desfavorável. Talvez uma das soluções seja a inserção de projetos arquitetônicos e urbanísticos nos entre espaços, concebendo uma forma contrária a gentrificação. Ou seja, a atuação dessas intervenções tem o papel de criar uma maior relação entre as pessoas, produzir espaços dinâmicos e heterogêneos capazes de conciliar classes sociais distintas além de tornar as cidades mais aprazíveis e gentis com seus moradores. Essa gentileza pode estar presente no meio urbano através de grandes intervenções que modificam a paisagem e melhoram a vivência das pessoas, ou somente em pequenos atos do cotidiano, como plantar árvores em seus jardins, aumentar a convivência com os vizinhos e promover atos de solidariedade.

Capítulo 3 – Gentileza urbana

As cidades são o símbolo maior de aglomerados humanos, as relações sociais presentes na mesma acontecem de forma intensa e criam a atmosfera desse meio. Em cidades pequenas existe uma relação interpessoal muito maior entre seus habitantes, aquela velha história que nas cidades do interior todos se conhecem. Esse pensamento tem uma razão para existir, de fato a interação das pessoas é maior em locais menores, já que é possível encontrar com mais frequência os amigos e conhecidos. Essa atmosfera interiorana é muito saudável para a dinâmica de qualquer município. Conhecer aqueles que moram no seu entorno é confortante, agrega-se uma sensação de segurança, e ainda é possível criar uma rede de beneficiamento mútuo. Essa rede pode ser entendida como a “política da boa vizinhança”, as pessoas criam laços que ajudam a resolver os problemas daquele grupo de indivíduos. Talvez essa seja uma criação espontânea do que seria a essência da gentileza urbana. Esse termo tem sua maior fonte o arquiteto brasileiro Jaime Lerner (2012), que aborda em seu livro a explicação desses atos, que na verdade são atitudes que estimulem o amor pelas pessoas e a cidade.

“Nos idos de 80, a cidade de Curitiba decorava todos os ônibus na época de Natal. A decoração com árvores de temas natalinos, com suas luzinhas, era uma grande gentileza com as pessoas que tinham que trabalhar no dia de Natal. Com os ônibus percorrendo a cidade, a gentileza também estendia a alegria do Natal a toda a população.” (LERNER, 2012, p.30).

Nas cidades de maior porte a relação social é diferente, visto que a quantidade de pessoas é infinitamente superior. Alguns fatores como a falta de tempo, poucos espaços para interação, uso de transporte individual e os condomínios contribuem para a dissolução dessa cadeia de vizinhos. Cria-se uma cidade de desconhecidos, onde existe pouca ou nenhuma interação nas ruas. A escritora Jane Jacobs nos seus estudos reflete sobre essa ausência de relações, afirmando que uma cidade de desconhecidos tem maiores índices de insegurança e exclusão social. Ela ainda afirma que essa questão deve ser melhor entendida e estudada pelos urbanistas, pois um local com diversos olhares tende a ser mais seguro do que aquele que está vazio. A escritora cita um exemplo: “ Mesmo os

bairros considerados tranquilos podem se tornar perigosos e não é um guarda municipal que muda as ocorrências na rua.” (JACOBS, 2015, p.32).

Conforme Jacobs (2015) apresenta, para que as pessoas se relacionem é preciso fornecer espaços para este fim. Faz-se necessário incentivar o uso de espaços públicos, estimular a ida e permanência das pessoas nas ruas, dar a possibilidade de escolha das áreas a serem ocupadas. Todavia é difícil criar essas relações, já que as próprias cidades não oferecem essas possibilidades. Hoje as cidades são excludentes, desumanizadas e hostis, e não por culpa delas, de sua estrutura, os malefícios vistos nela são fruto de uma gestão ruim, uma gestão que prefere excluir e expulsar do que agregar e unir. Porém, é necessário reatar os laços, criar espaços confortáveis e convidativos, evitar o uso de estratégias nocivas para espantar as pessoas das ruas.

Retomando o pensamento de Jane Jacobs, é preciso dar vida as ruas, criar movimento e retomar a interação dentro dos bairros e por consequência essa relação das pessoas irá ser transferida para toda a cidade. Evitar que essa política de hostilidade seja aplicada, transformar a desorganização social em organização. Salvar-se da ideia dos condomínios fechados, das bolhas de sabão que excluem tudo que está fora dela, mudar os hábitos de locomoção, os carros deixam as ruas vazias, muros altos, câmeras que vigiam, todos os métodos que trocam o olhar sensível de uma pessoa por uma medida agressiva de proteção. É preciso substituir os clubes privados pelas praças, os muros pela vegetação e os shoppings pelos calçadões. Não só atos que envolvem construções e intervenções físicas, mas também atitudes da própria população, mais uma vez, a gentileza urbana auxiliaria na renovação do meio urbano.

Toda essa reflexão traz questões a serem resolvidas, problemas a serem sanados. Por onde começar? Quais formas de atuação? Possivelmente o início seja o término, as ruas. É necessário entender a dinâmica das ruas, quais pontos a serem melhorados na mesma e como ela pode se tornar atrativa para os habitantes. Para iniciar essa atividade é preciso conhecer aqueles que estão a muito tempo presentes nas calçadas, os quais poucas pessoas percebem, os moradores de rua. Talvez os mesmos possam trazer soluções e questionamentos ainda mais benéficos para o funcionamento das cidades. A população de rua pode ser um problema e

uma possível solução já que participam ativamente da dinâmica urbana, eles estão o tempo todo explorando locais, conhecendo pessoas, vendo os problemas de perto e certamente tem uma abordagem clara e direta de como melhorar.

Os moradores de rua juntamente com usuários de drogas são vistos pela população como sinônimos de violência e insegurança, são pessoas muitas das vezes excluídas da sociedade que só encontram um lar quando estão na sarjeta. Eles podem ser o ponto de partida para devolver a gentileza das cidades. Cuidar desses cidadãos traz muitos benefícios para a sociedade. Em alguns casos eles são responsáveis pelo abandono do uso de espaços públicos, como por exemplo, praças que são usadas como “casa” para aqueles que não tem um teto, ou as vielas repletas de usuários de drogas que impossibilitam a passagem e o uso daquele local para qualquer outro fim, os baixios de viadutos, onde essa população cria sua estadia, e por consequência aquele entorno torna-se perigoso e pouco utilizado para a passagem de pedestres e veículos.

Complementando o entendimento, é preciso uma reorganização geral na gestão das cidades, é preciso aumentar o uso nas ruas, criar formas de incentivar a relação das pessoas com os espaços públicos, criar mais gentileza urbana. Faz-se necessário uma ação que possibilite um acolhimento à população de rua, que sofre constantemente com o descaso e abandono. Os problemas são diversos, é necessário muito estudo e propostas para que as adversidades sejam sanadas. Todavia com um pouco de gentileza urbana, que poderia ser traduzida como o incentivo do uso de espaços públicos, aumento da relação entre as pessoas, cuidado com a população carente e de rua, podemos construir uma evolução saudável para o meio urbano.

Capítulo 4 – Acupuntura Urbana

As questões levantadas anteriormente fomentam ainda mais a necessidade por mudanças nas cidades contemporâneas brasileiras. Muitos problemas são atribuídos e poucas soluções são apresentadas. Para a construção de uma resposta adequada busca-se o conceito de acupuntura urbana de Jaime Lerner (2012). O autor apresenta o conceito como pequenas intervenções que são capazes de gerar melhorias para as cidades.

A proposta contribui para o desenvolvimento dos centros urbanos de forma sustentável. De acordo com Lerner o termo define um conjunto de ações pontuais de revitalização e requalificação que tem a capacidade de melhorar progressivamente a vida urbana. Fazendo uma analogia simples com a acupuntura chinesa, o autor explica que essas intervenções pontuais podem “curar” as enfermidades dos centros urbanos de forma eficaz (LERNER, 2012).

Atualmente grande parte das cidades apresentam problemas similares que necessitam de muita atenção dos urbanistas e administradores das cidades, sendo eles a mobilidade, sustentabilidade e relação entre classes sociais distintas. Organizar um planejamento que atue diretamente nesses pontos é um trabalho complexo e multidisciplinar, sendo necessário a união de diversos fatores. A construção coletiva pode ser o método mais eficaz, isso inclui a gentileza urbana atuando.

“A cidade não é problema, a cidade é solução. [...] O grande problema foi a separação entre as atividades econômicas e os assentamentos humanos. Separam-se trabalho e vida. A cidade é uma estrutura de vida e trabalho, juntos. A cidade é uma integração de funções. Quanto mais você integrar as funções urbanas, quanto mais misturar renda, idade, mais humana a cidade ficará.” (LERNER, 2012, p.57).

Quanto mais a cidade se relaciona com sua população, melhor ela será. Existirão mais relações interpessoais e mais diversidade, contribuindo para os locais se tornarem mais humanos, mais seguros e mais dinâmicos. E por que não utilizar os entre espaços para fazer a ligação das pessoas e das áreas desconexas? O objetivo é este, usar os entre espaços na construção de uma cidade mais dinâmica e sociável. Assim como a acupuntura atua de forma pontual e diversas áreas ociosas da malha urbana, os entre espaços, estão dispostos nas mais diversas regiões de uma cidade, unindo problema e solução.

Capítulo 5 – Análise de casos

Os entre espaços dispostos em grande quantidade na malha urbana afirmam a necessidade por intervenções. Essa variável é recente no urbanismo contemporâneo, há alguns anos não se falava de vazios, pouca importância era dada a esses espaços e os mesmos foram acumulando durante o passar do tempo. Essas áreas representam uma possibilidade muito promissora para a modificação e

revitalização das cidades brasileiras tornando-as mais saudáveis e dinâmicas para o futuro próximo.

Diante dessa perspectiva, respostas projetuais são necessárias para exemplificar como os vazios urbanos podem criar novos espaços públicos e incentivar a apropriação de áreas degradadas. Buscou-se alguns projetos de referência que retratem uma melhora significativa na saúde das cidades e também na vida das pessoas, através da modificação dos entre espaços. Sejam eles projetos pontuais ou grandes modificadores da paisagem.

5.1 – Reconvertendo lugares vazios do espaço público (Archdaily 2014)

Na Espanha, os Arquitetos Patricia Di Monte e Ignacio Grávalos elaboraram uma estratégia de regeneração urbana focada em transformar os vazios urbanos em espaços públicos funcionais, ou seja, locais que possam contribuir para a utilização e apropriação pelas pessoas. As intervenções aconteceram no município de Zaragoza, buscando sempre flexibilizar o uso desses espaços, estabelecendo diretrizes próprias do urbanismo.

A metodologia utilizada inicia-se em um estudo antecipado do perfil sócio econômico do local e também um entendimento apurado das necessidades e anseios da população. Os terrenos escolhidos estão dispostos na cidade, os projetistas optaram por utilizar somente aqueles que estão vazios, visando o preenchimento dos mesmos. Vale ressaltar que cada lote tem uma resposta diferente, o projeto varia de acordo com a demanda local.

Outro ponto interessante é que o planejamento desses espaços se inicia nos estudos preliminares e é concluído quando alguma associação ou órgão especializado assumam a responsabilidade da gestão do espaço projetado.

O conjunto de projetos tem como data de início o ano de 2009 com obras concluídas em 2010, a iniciativa conta com 29 intervenções já realizadas e outras 11 estão no aguardo. Sua atuação chega a 42.000m² de áreas vazias reformuladas para o uso dos cidadãos. Das 29 executadas, 4 serão abordadas nesta monografia.

A primeira das intervenções é denominada de “Distrito de Casetas”, uma horta urbana (FIGURA 23). O terreno escolhido está situado em um limite urbano, segundo os autores um local em transição entre o meio urbano e o espaço natural

existente. “[...] um localizado no limite urbano, já que podia ser interpretado como um espaço de transição entre o entorno urbano e a paisagem natural existente, formada por campos de cultivo. ” (DI MONTE, Patricia; GRÁVALOS, Ignacio. 2014. Disponível em <<https://goo.gl/essNzM>>, acesso em 19/05/17).

Figura 23 – Implantação da horta urbana



Fonte: <https://goo.gl/bVP7DS> (2014), acesso em 21/05/17.

A construção do projeto se baseou na forma de implantação da horta, o terreno retangular devia abrigar hortas individuais e uma pública. Essa divisão norteou a setorização do espaço, uma passarela (FIGURA 24) divide as duas zonas e o pergolado protege essa circulação. Árvores nativas ameaçadas pela urbanização da cidade foram incorporadas no projeto. Entre as hortas foram adicionados pequenos casebres em madeira com o objetivo de guardar as ferramentas dos usuários. As pequenas casas foram trabalhadas visando uma interação maior entre o meio natural e as construções dos seres humanos. A permeabilidade do espaço fazia-se necessária em meio a paisagem, a horta deveria ser vista por todos, por isso, os arquitetos optaram por cercar a horta com ferros corrugados dispostos aleatoriamente, dando sempre liberdade para que o projeto se comunicasse com o todo.

Figura 24 – Passarelas e pérgolas da horta



Fonte: <https://goo.gl/8GbvCK> (2014), acesso em 21/05/17.

Nesse mesmo conjunto de projetos, outro que chama a atenção é o idealizado na região de Delicias, Espanha. Um parque com área de jogos (FIGURA 25) que visa melhorar as adversidades criadas pela complexidade da população, questões sociais e a convivência em grupo. A região de Delicias é rica em diversidade racial, o bairro conta com imigrantes de mais de 68 países, segundo o levantamento de 2008 (DI MONTE; GRÁVALOS. 2014. disponível em: < <https://goo.gl/essNzM>>, acesso em 19/05/17). Essa população heterogênea está distribuída no bairro de forma aleatória. Devido aos costumes diversos e da cultura individual as relações acabam gerando atritos. Na busca por um civismo maior, a associação de moradores acionou a Prefeitura local solicitando medidas que melhorassem a convivência e maiores níveis de inclusão social. O projeto é o resultado deste processo.

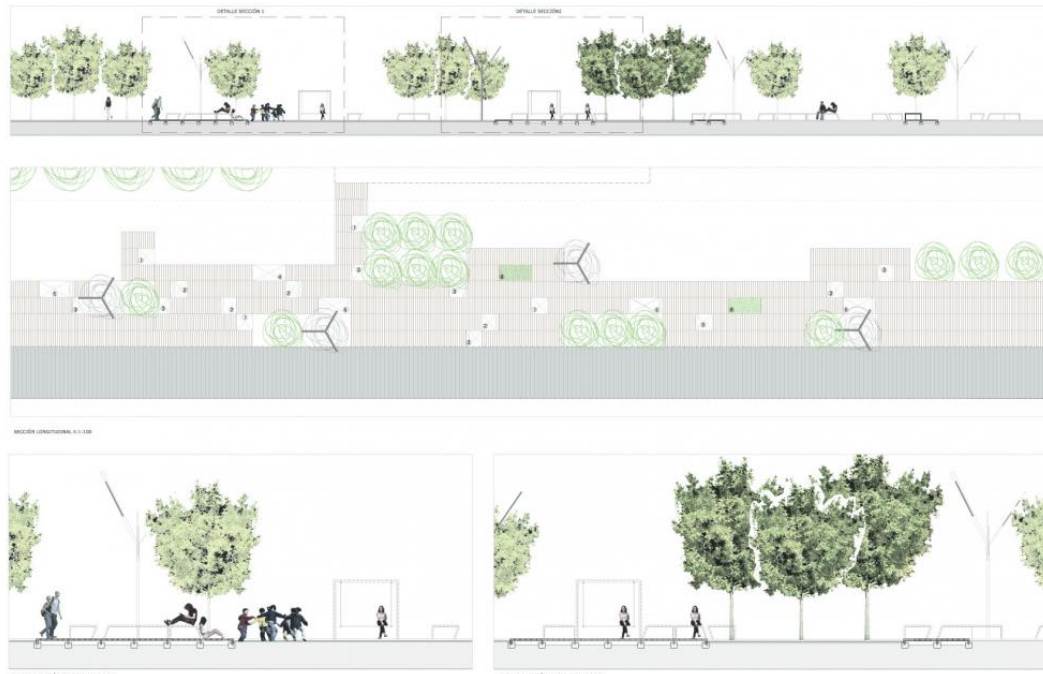
Uma das intervenções está pautada na prática de atividades esportivas e de jogos, com o público alvo, prioritariamente de crianças e adolescentes. Juntamente com essas atividades o espaço promove maior interação social que traz benefícios para todos, além disso torna-os mais tolerantes uns com os outros. O programa funciona de forma coletiva, incentivando a união e a diversidade. O espaço auxilia neste ponto, já que promove encontros descompromissados e uma permeabilidade visual (FIGURA 26).

Figura 25 – Área de convívio do centro de esportes



Fonte: <https://goo.gl/Gk6cP6> (2014), acesso em 21/05/17.

Figura 26 – Corte esquemático do espaço

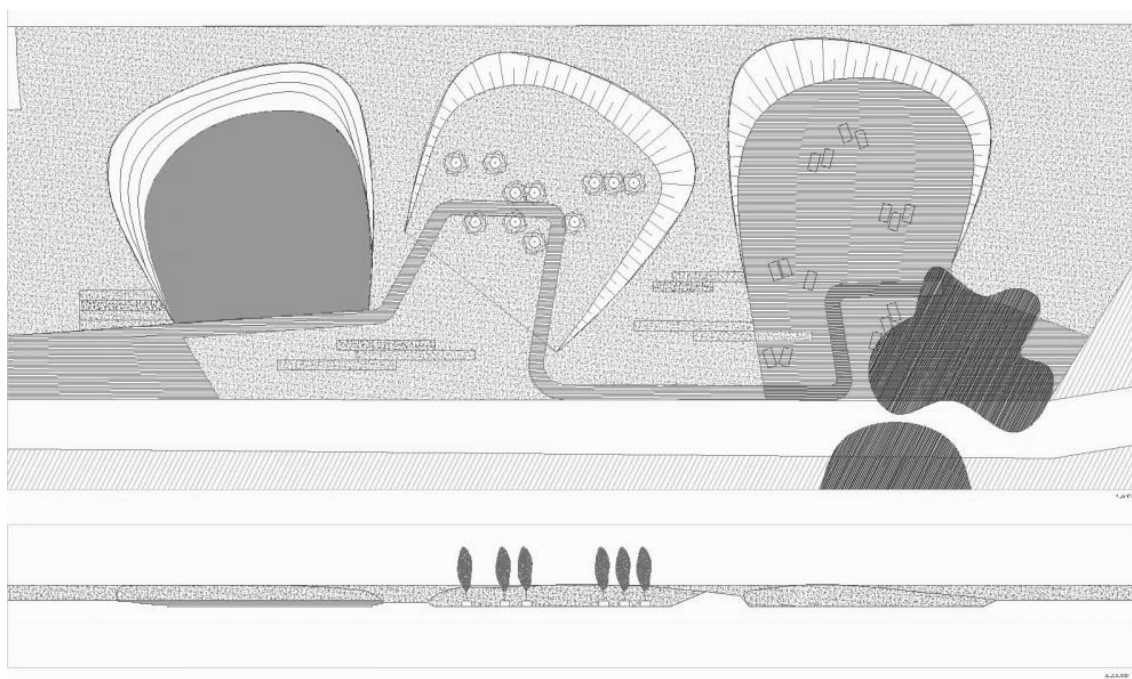


Fonte: <https://goo.gl/3sVQoc> (2014), acesso em 21/05/17.

Os arquitetos exploraram mais um vazio urbano na cidade, esse as margens do rio Ebro, em Zaragoza, Espanha. Um terreno que ocupa um nível intermediário

perante a calçada e o próprio curso de água. Criou-se três grandes taludes com vegetação (FIGURA 27), o conjunto dos espaços estabelece uma praça dinâmica que se modifica de acordo com o usuário. Em cada talude os projetistas instalaram equipamentos como café-restaurante, um espaço arborizado para descanso com espreguiçadeiras (FIGURA 28) e por último uma praça praia, com cadeiras voltadas para os raios do sol. A intervenção mostra a versatilidade que um vazio urbano pode apresentar, três espaços distintos presentes lado a lado, dando mais espaço para as pessoas e criando um local saudável perto do rio.

Figura 27 – Planta esquemática de implantação



Fonte: <https://goo.gl/jmGCxw> (2014), acesso em 21/05/17.

Figura 28 – Espaço para descanso e reflexão



Fonte: <https://goo.gl/leYgsN> (2014), acesso em 21/05/17.

O projeto como um todo apresenta conceitos e discussões muito pertinentes quando se trata de intervenção em vazios urbanos, conseqüentemente nos entre espaços. Os arquitetos se concentram em entender todo o entorno onde está localizado o vazio, após compreendê-lo eles começam a ponderar sobre qual função aquele local deve comportar. A definição da função do espaço está relacionada a população do entorno, as características sociais e econômicas e também quais as necessidades o ambiente apresenta.

Muitos benefícios foram alcançados nesse conjunto de intervenções, proporcionaram para a população novas áreas de lazer e convívio, tornando a cidade mais agradável aos seus usuários. A atenção dos projetistas na escolha das atividades desenvolvidas torna as chances de sucesso dos espaços maior. Construir um ambiente de qualidade faz com que as pessoas de fato ocupem. Busca-se essas características na solução dos problemas gerados pelos entre espaços.

5.2 – Proposta para recuperar vazios urbanos e estimular a reativação econômica em cidades espanholas (Archdaily 2014)

Na Europa, Espanha, aconteceu o concurso “iniciativas de cidadania Europeia” no ano de 2014, que visa a participação cidadã na intervenção da vida política da União Europeia. Uma das equipes finalistas é a espanhola: Aula de Arquitetura Social AAS UCAM com o tutor Lorenzo Tomás Gabarrón. Eles propõem um projeto que estabelece equipamentos públicos e postos de trabalho no centro histórico de cidades da Europa. Atuando nos vazios urbanos deixados pela expansão urbana antes da crise.

Baseado em uma consulta pública a equipe finalista abordou os problemas que mais preocupam a sociedade. Em suas conclusões avaliaram que o desemprego é a maior adversidade relatada pela população. De acordo com o centro de investigação sociológica (2014) o resultado é de que 75% dos entrevistados consideram a falta de oportunidades como o maior problema.

Após a identificação desse problema os projetistas atentaram-se para um problema que vinha sendo observado no país, os vazios urbanos. O crescimento econômico das cidades da Europa direcionou um grande aumento de investimentos em espaços residenciais e também na criação de grandes equipamentos sociais e culturais. Esse manejo de recursos deixou de lado os centros históricos, que em sua maioria tem uma situação insalubre. Essa gestão configurou uma grande quantidade de terrenos vazios no tecido urbano que não tiveram uma ocupação prevista (FIGURA 29).

A intervenção urbana consiste em usar esses vazios dando um uso condizente com o seu tempo e uma flexibilidade maior ao espaço. Propondo uma revitalização urbana que ocasionaria em uma geração de postos de trabalho. Tudo isso sendo feito em um projeto colaborativo com a população, a qual tem uma relação constante com o ambiente e pode apresentar problemas que não tenham sido vistos e também soluções.

Figura 29 – Esquema construído pelos autores para justificar as intervenções



Fonte: <https://goo.gl/FbWfpK> (2014), acesso em 28/05/17.

Os locais de intervenção visam converter os vazios urbanos em locais de interação social, um exemplo deste concurso é o projeto elaborado por Aldo Van Eyck (2014), na Holanda, Europa (FIGURA 30 e 31). Os projetistas aproveitaram-se do vazio normativo dessas áreas, optando sempre por atribuir usos de carácter social, já que o tempo de ocorrência desses projetos é muito curto devido ao uso ilegal dos espaços.

Figura 30 e 31 – Antes e depois da intervenção



Fonte: <https://goo.gl/hj8MY4> (2014), acesso em 28/05/17.

A abordagem desse grupo traz pontos interessantes em relação a apropriação dos espaços, segundo a legislação. O vazio urbano independentemente de onde esteja vai pertencer a alguém, seja o município ou uma pessoa física. Se a intervenção for feita em local público, é possível criar contrapartidas para a desapropriação do espaço, justificando o interesse social do empreendimento. Caso seja propriedade particular o projeto deve tomar as devidas precauções para evitar problemas jurídicos. Assim como as ações descritas pelos projetistas, as modificações devem ser provisórias, mas que despertem o olhar da população e torne o espaço atrativo, criando um interesse maior sobre essas lacunas no meio urbano. Outro fato levando em consideração é a consulta pública realizada pelos

mesmos, conseguindo identificar qual o verdadeiro problema da população, podendo então, atuar de forma direta no combate dessa adversidade.

5.3 – Concurso público nacional de projetos de arquitetura para a requalificação urbana de baixios de Viadutos, Belo Horizonte (Archdaily 2014)

A cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, abriu um concurso nacional (2013) para a requalificação de quatro baixios de viadutos, voltado diretamente para arquitetos e urbanistas. O objetivo foi de restaurar a qualidade daqueles espaços e trazer benefícios para a área, o uso do local era destinado a práticas esportivas, culturais e de lazer. Diversos escritórios e arquitetos participaram da disputa, muitos projetos apresentaram grande qualidade, por essa razão o comitê organizador indicou três menções honrosas, além do vencedor. A análise será baseada somente nas pranchas premiadas.

5.3.1 – Viaduto 01, Viaduto Pedro Aguiinaldo Fulgêncio

O arquiteto responsável pela proposta é o Cássio Orlandi Sauer, sua equipe é composta por Camila de Rocha Thiesen, Elisa Toschi Martins e Ignácio de la Veja, todos residentes na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

A prancha resumo (FIGURA 32) apresentada contempla as questões mais relevantes quando se trata do meio urbano. Fluxos, permeabilidade, interação social, arborização, mobilidade, iluminação pública e incentivo a práticas esportivas e culturais são estratégias fundamentais para a revitalização. Por ser uma área residual em uma região central, os arquitetos perceberam que o local tinha grande potencial para solucionar problemas do cotidiano das grandes cidades, porém existiam empecilhos.

Figura 32 – Prancha resumo do vencedor do concurso, viaduto 01



CONCURSO PÚBLICO NACIONAL DE PROJETOS DE ARQUITETURA PARA REQUALIFICAÇÃO URBANA DE BAIXIOS DE VIADUTOS EM BELO HORIZONTE

1

Fonte: <https://goo.gl/Etay45> (2014), acesso em 29/05/17.

A ligação que esse viaduto cria é muito importante para a conexão entre dois bairros de Belo Horizonte, sendo que um deles conta com equipamentos de saúde. E a barreira formada pela união de uma avenida e a linha do trem configuram duas grandes áreas vazias, ambas abandonadas devido à falta de permeabilidade e fluxo de pedestres.

A estratégia de revitalização consiste em resolver os problemas relacionados ao percurso dos pedestres e ciclistas, tentando modificar sua rota e oferecendo locais de permanência. Para que as pessoas passassem mais pelo local a ideia foi facilitar a conexão através da transposição da avenida por uma passarela exclusiva para pessoas. Após a modificação de fluxos, os projetistas criaram formas de instigar o uso e ocupação do baixio, através da locação de comércio, equipamentos urbanos e mobiliários. Lojas, cafés, cinema, bancas de jornal, anfiteatro, bosque, floricultura e sanitários proporcionam aos usuários uma maior interação com o espaço, descaracterizando completamente a ideia de espaço residual.

Segundo os projetistas, a partir do momento que aquele espaço deixa de ser uma lacuna na malha urbana o incentivo para a permeabilidade visual aumenta, já que os vizinhos terão prazer em ver aquele espaço e assim sendo, substituir os muros do entorno por materiais mais permeáveis, como fechamentos em telas ou chapas perfuradas.

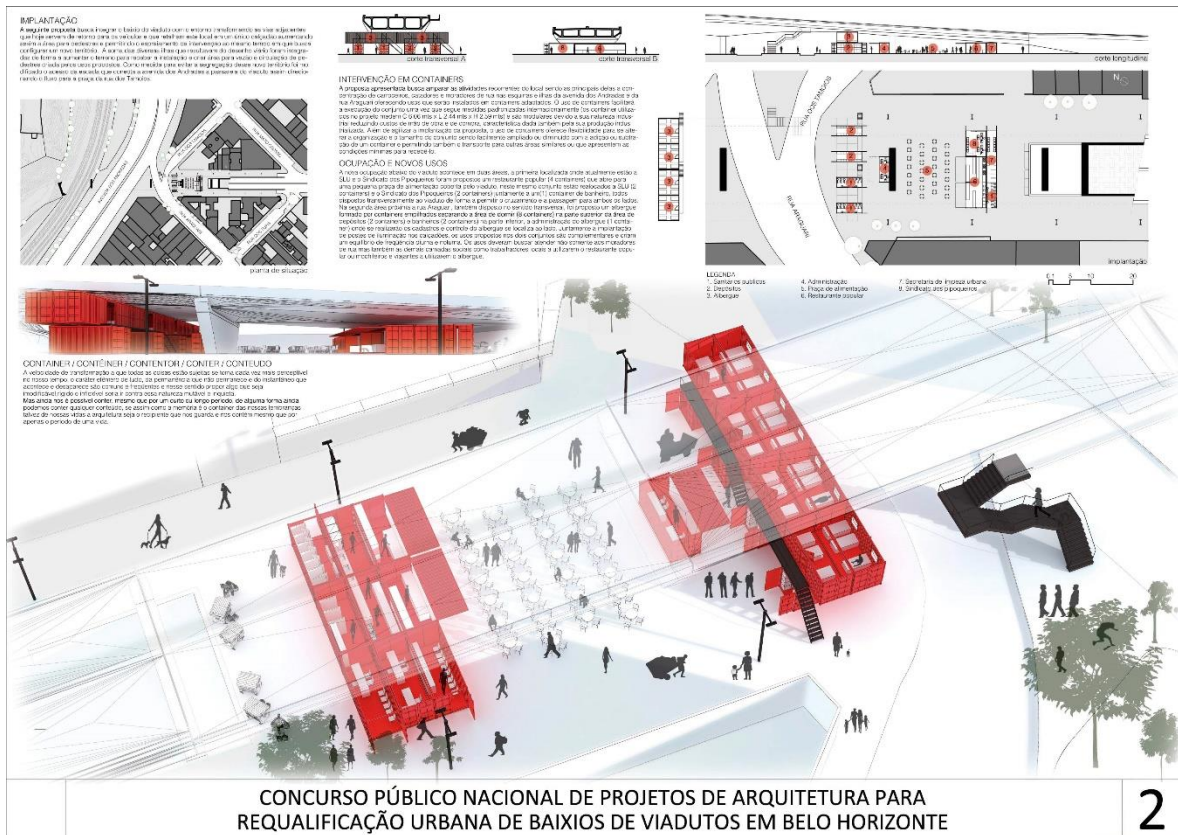
Além das questões sociais e de convívio o projeto conta com grande aparato técnico, o bosque e as demais áreas verdes tem o papel de aumentar a área permeável da cidade, assim como a substituição do asfalto convencional por uma pavimentação de concreto drenante. As estruturas propostas, como a travessia suspensa e a ciclovia serão executadas em estruturas modulares metálicas com o intuito de gerar menos impacto no momento da construção e possibilitar modificações futuras.

5.3.2 – Viaduto 02, Elevado Castelo Branco

O vencedor do projeto para o viaduto dois é o arquiteto Vinícius Capella Gomes e sua equipe Daniele de Souza Capella e Alecsander Gonçalves. Da capital São Paulo, os projetistas contemplaram as necessidades especificadas pelo concurso, eles promoveram uma grande ampliação da área de pedestres e do uso comum.

A prancha resumo (FIGURA 33) exprime muito bem a proposta de integrar o baixo do viaduto com o entorno e as adjacências. Para promover essa integração modificou-se as vias que eram exclusivamente para veículos transformando-as em um grande calçadão para pedestres, criando uma nova interação das pessoas com o espaço. Com o distanciamento dos carros a grande área na parte inferior do elevado transformou-se em uma praça, que pode sofrer intervenções para criar usos diferenciados.

Figura 33 – Prancha resumo do vencedor do concurso, viaduto 02



Fonte: <https://goo.gl/2w4Fj0> (2014), acesso em 30/05/17.

A nova ocupação foi promovida através do uso de containers, os arquitetos explicam que a transformação das coisas aconteceu de forma muito rápida, como é visto na sociedade contemporânea, onde tudo é muito ágil e tem um carácter efêmero. É justificável o uso desse tipo de construção já que a ideia é criar um espaço mutável e adaptável, que não seja rígido e pesado para a paisagem.

Com relação aos usos a ideia é diversificar, dando oportunidade para que várias atividades diferentes aconteçam, levando também uma diversidade de pessoas. Foram implantados 22 containers adaptados com banheiros públicos, um restaurante popular, uma associação de pipoqueiros, um centro administrativo, um pequeno albergue com um setor de administração, depósitos e a secretaria de limpeza urbana. O objetivo não é só auxiliar os moradores de rua, mas também atender aqueles que passam pelo local, trabalhadores, estudantes, viajantes e outros.

Vale ressaltar o carácter social deste projeto que cria condições melhores para os moradores de rua em seu próprio local de permanência. A criação de um restaurante popular que certamente aumentará o fluxo de pessoas, fornecendo mais segurança. A mistura de usos e pessoas proporciona riqueza, postos de trabalho ligados a áreas de descanso e permanência promovem maior integração social. Tudo isso sendo feito com containers que proporcionam maior flexibilidade, um sistema modular e de baixo custo. A viabilidade econômica é outro ponto positivo, o uso dessa estrutura condiz com a proposta e o local criando a possibilidade de reproduzir esse modelo em outras áreas da cidade.

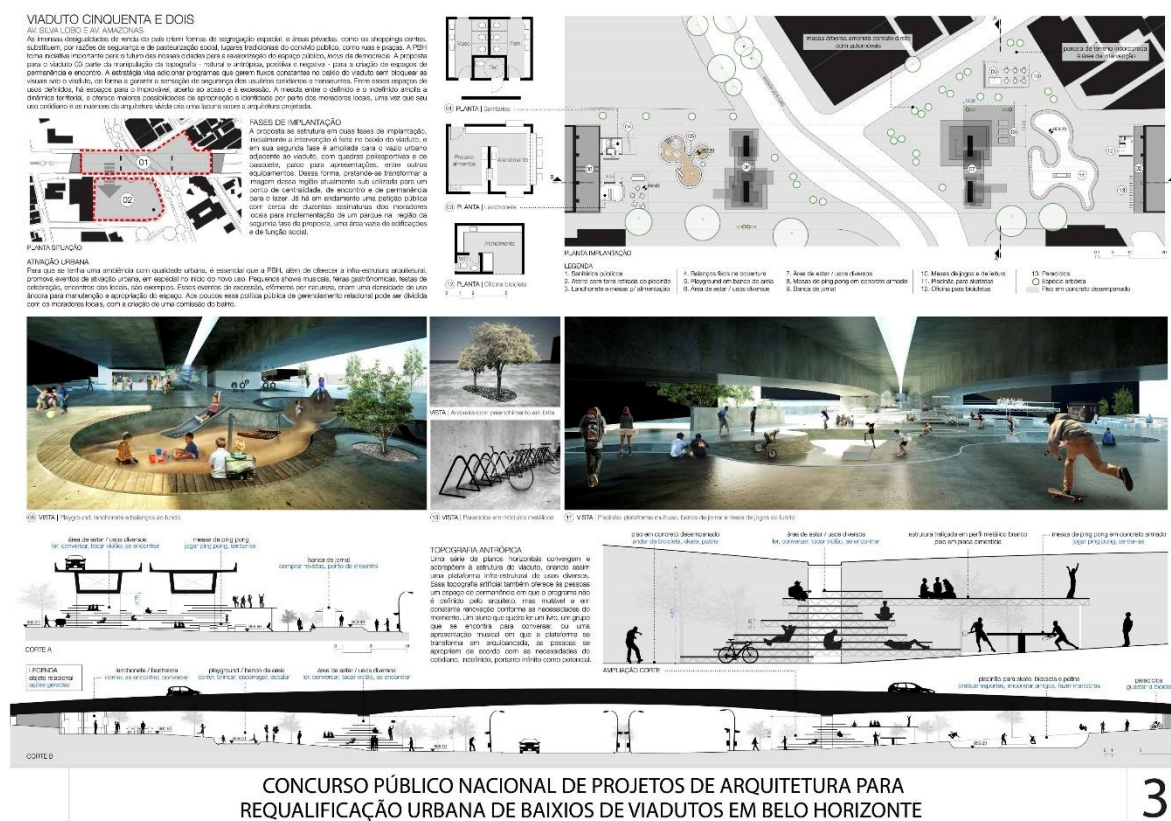
5.3.3 – Viaduto 03, Viaduto Cinquenta e Dois

O viaduto três está situado na avenida Silva Lobo sob a avenida Amazonas. Novamente os vencedores do concurso são Vinícius Capella Gomes e sua equipe Daniele de Souza Capella e Alecsander Gonçalves. Os projetistas conseguiram criar uma solução para o espaço com baixo custo, tanto de execução quanto de manutenção, além de promover a integração da área com o entorno.

O intuito principal é criar um local de permanência e encontros no meio público, substituindo a ideia de shoppings centers e de locais privados, devolvendo o verdadeiro carácter da rua, local de vivência e lazer. Assim como nos outros projetos para os demais viadutos, percebe-se a necessidade de ocupação desses vazios a fim de aumentar a segurança da cidade. Os arquitetos utilizaram espaços definidos e indefinidos, locais que são de uso específico e outras áreas que foram deixadas livres, incentivando o uso espontâneo da população.

A prancha resumo (FIGURA 34) elucida as iniciativas de criar um novo conceito de espaço público onde as pessoas possam ter práticas esportivas e culturais. A proposta deve ser realizada em duas fases, a primeira consiste em uma intervenção direta no vazio na parte inferior do viaduto, já a segunda etapa procura-se estabelecer uma conexão com o terreno vago ao lado do elevado ocupando-o com uma quadra poliesportiva, palco para apresentações e outros equipamentos.

Figura 34 – Prancha resumo do vencedor do concurso, viaduto 03



Fonte: <https://goo.gl/EHBZmn> (2014), acesso em 31/05/17.

A diversidade de equipamentos instalados é grande, dando subsídio para as pessoas do entorno se apropriarem da maneira que lhes parecer conveniente. Playground, lanchonete e praça de alimentação, áreas de estar, mesas de ping-pong, banca de jornal, pista de skate, mesas de jogos e oficina de bicicletas são exemplos de como o espaço é grande e estava desperdiçado. Todavia os equipamentos não poderão ser instalados e abandonados sem incitar o uso da população. O projeto prevê que na fase inicial a Prefeitura de Belo Horizonte deverá promover eventos de carácter efêmero, feiras, shows, mostras de arte e atividades em geral para promover a apropriação.

A implantação da proposta é algo que deve ser analisado mais a fundo. Geralmente esses baixios são fruto dos desdobramentos de uma avenida de muito fluxo, esses espaços estão sempre cercados de limites físicos, sejam eles feixes de água, linhas férreas ou outras faixas de rolamento. Levando em consideração essas características o projeto consta com uma boa organização espacial, nota-se que os usos estão divididos fisicamente, mas não visualmente. A avenida Amazonas tem o

papel de separar os skatistas do playground, onde as crianças e seus pais estarão ocupando, além de dar mais tranquilidade para as pessoas que estão na lanchonete. Mesmo assim a separação não gera segregação, porque a permeabilidade do espaço permite um contato entre os dois lados do complexo de lazer.

5.3.4 – Viaduto 04, Viaduto engenheiro Andrade Pinto

Com a proposta de fomentar a inter-relação entre as pessoas a arquiteta Natalia Loureiro Parahyba e Priscila Marques Mendes, ambas de Campinas, São Paulo, conquistaram o primeiro lugar no concurso para o viaduto quatro. Ao contrário dos outros projetos, elas buscaram a permanência de um espaço que já vinha sendo ocupado.

A prancha (FIGURA 35) apresenta a proposta que cuidadosamente foi pensada visando a integração do baixio com o entorno. Defendendo a permanência de um projeto denominado “Escultórias”, que promove o trabalho do artista Leandro Gabriel, que expões suas obras feitas de sucata no baixio do viaduto. O acervo composto por peças metálicas recicladas contam a história do bairro e do período de industrialização. Devido ao trabalho do artista o viaduto também é conhecido como “viaduto das artes”.

O ateliê existente norteou a implantação das outras atividades. Visto a relação do lugar com as artes em geral as arquitetas propuseram um aumento de atividades relativas a arte, cultura e lazer, oferecendo em seu programa um espaço multiuso, que tem público diversificado e funciona em diferentes horas do dia. O objetivo maior é promover o espaço público disponível.

Devido ao grande vazio que se forma na parte inferior do elevado o programa é relativamente extenso. Criou-se uma pequena galeria no espaço público, contendo um grande café com área de exposição, destinado as exposições e funciona como um espaço de transição do espaço exterior para o interior. Existem também Salas multiuso, depósitos, banheiros, pátio, praça de convivência e o ateliê do artista.

Figura 35 – Prancha resumo do vencedor do concurso, viaduto 04

“Viaduto das Artes” (Viaduto Engº Andrade Pinto)

O bairro Barroco, de Belo Horizonte, Centro de Belo Horizonte, tem uma peculiar característica a diversidade de atividades e serviços. Há um grande comércio, um teatro, um cinema, um clube, um restaurante, um espaço educacional, lojas e restaurantes, além de um espaço de lazer, o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.

Além disso, de promover a arte e a cultura, que também é uma das principais atividades do bairro, e de promover a arte e a cultura, que também é uma das principais atividades do bairro, e de promover a arte e a cultura, que também é uma das principais atividades do bairro.

Programa

- (1) Espaço de lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.
- (2) Espaço de lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.
- (3) Espaço de lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.
- (4) Espaço de lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.
- (5) Espaço de lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.
- (6) Espaço de lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.
- (7) Espaço de lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.
- (8) Espaço de lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.
- (9) Espaço de lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.
- (10) Espaço de lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.

Materialidade

Atividades e serviços a serem realizados no local, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.

Meio de circulação

Atividades e serviços a serem realizados no local, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.

Materiais



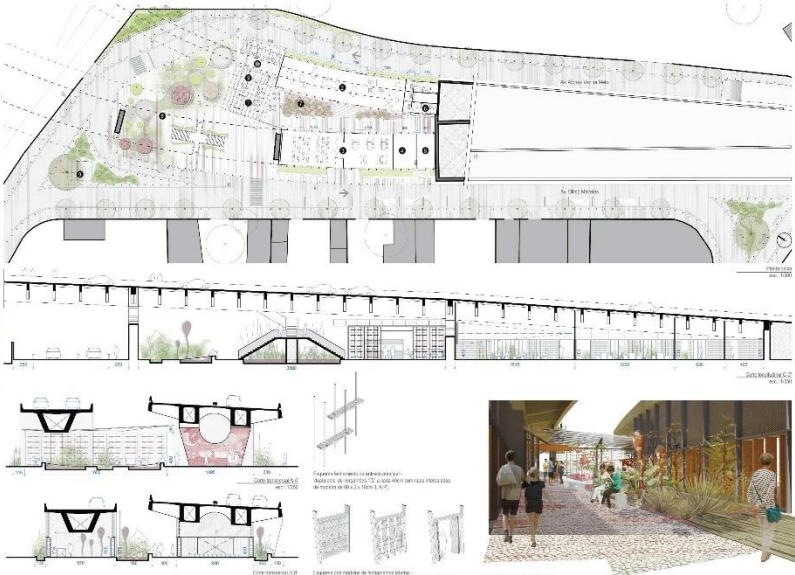
Atividades e serviços a serem realizados no local, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.

Outros materiais

Atividades e serviços a serem realizados no local, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.

Proteção

Atividades e serviços a serem realizados no local, com uma sala de jogos e uma sala de leitura, e o Espaço de Lazer, com uma sala de jogos e uma sala de leitura.



CONCURSO PÚBLICO NACIONAL DE PROJETOS DE ARQUITETURA PARA REQUALIFICAÇÃO URBANA DE BAIXIOS DE VIADUTOS EM BELO HORIZONTE

4

Fonte: <https://goo.gl/Cdho9S> (2014), acesso em 31/05/17.

Tudo foi materializado com grande destreza na otimização e logística da obra. A proposta conta com materiais pré-fabricados e modulados, podendo ser de madeira ou aço. O fechamento dos vãos embaixo dos viadutos foi feito com venezianas e chapas perfuradas dando uma grande permeabilidade visual e auxiliando a iluminação e ventilação das salas e do ateliê que estão dentro destes espaços. Uma grande cobertura translúcida feita em policarbonato oferece o abrigo aos visitantes no momento de contemplação das obras. Os demais quiosques são flexíveis possibilitando sua montagem de diferentes formas, variando de acordo com o tipo de comércio proposto.

A presença do ateliê proporcionou a criação de um espaço completamente novo em um local inusitado na cidade. Uma galeria que incentiva a arte popular e cria uma nova dinâmica no vazio urbano. Conseguir dialogar com o poder público (Prefeitura) e o privado para a construção de um espaço de lazer e convívio pode ser o ponto chave da intervenção. Criar uma renda com o acesso as exposições e

em contrapartida construir uma grande praça pública para o uso da população incita a reprodução da ideia em outros vazios urbanos e outras cidades.

Capítulo 6 – Intenções de projeto

Ao longo de todo o conteúdo presente nesta monografia percebeu-se a problemática dos entre espaços nas cidades, ainda mais no município de Juiz de Fora. Foram listadas diferentes áreas que tem a característica do vazio, logo o desejo por soluções se manifesta. Com o auxílio de toda a teoria presente no estudo o intuito é solucionar de forma parcial e/ou total um entre espaço que se encontra na cidade. Assim como Jaime Lerner (2012) aborda em seu livro, o objetivo é atuar em um ponto específico que possa gerar um melhoramento do todo, uma acupuntura urbana.

O local escolhido para a aplicação das ideias é o baixio do viaduto Ramirez Gonzales, no bairro Cerâmica (FIGURA 36). O local sempre foi um ponto de encontro de vias, originalmente uma rotatória organizava o fluxo de veículos (FIGURA 37) e criava uma paisagem mais permeável, já que era possível ter uma visão clara de todo o entorno. Hoje o espaço apresenta uma interrupção do meio urbano, ao aproximar-se do local o vazio faz-se presente (FIGURA 38 e 39) e apresenta certo desconforto para aqueles que transitam a pé, além da falta de visibilidade que torna o local inóspito. Segundo Philippe Panerai (2006) o percurso deve tentar manter uma definição contínua por determinado tempo. Aquele indivíduo que chega próximo ao local percebe essa quebra do percurso e acaba hesitando em manter o seu trajeto.

Devido à grande área o local será dividido em diferentes trechos, para facilitar o desenvolvimento do projeto em etapas e dar condições de produzir em pontos separados. Serão três trechos (FIGURA 40) todos próximos uns aos outros e terão ligação visual, não só na permeabilidade espacial, mas também em forma e constituirão uma unidade.

Figura 36 – Área de interesse, viaduto Ramirez Gonzales



Fonte: Google Earth (2014), acesso em 17/02/17.

Figura 37 – Avenida Brasil antes da construção do viaduto



Fonte: <https://goo.gl/wN5eEh>, acesso em 12/02/17.

Figura 38 – Vazio faz-se presente embaixo do viaduto próximo ao acesso norte



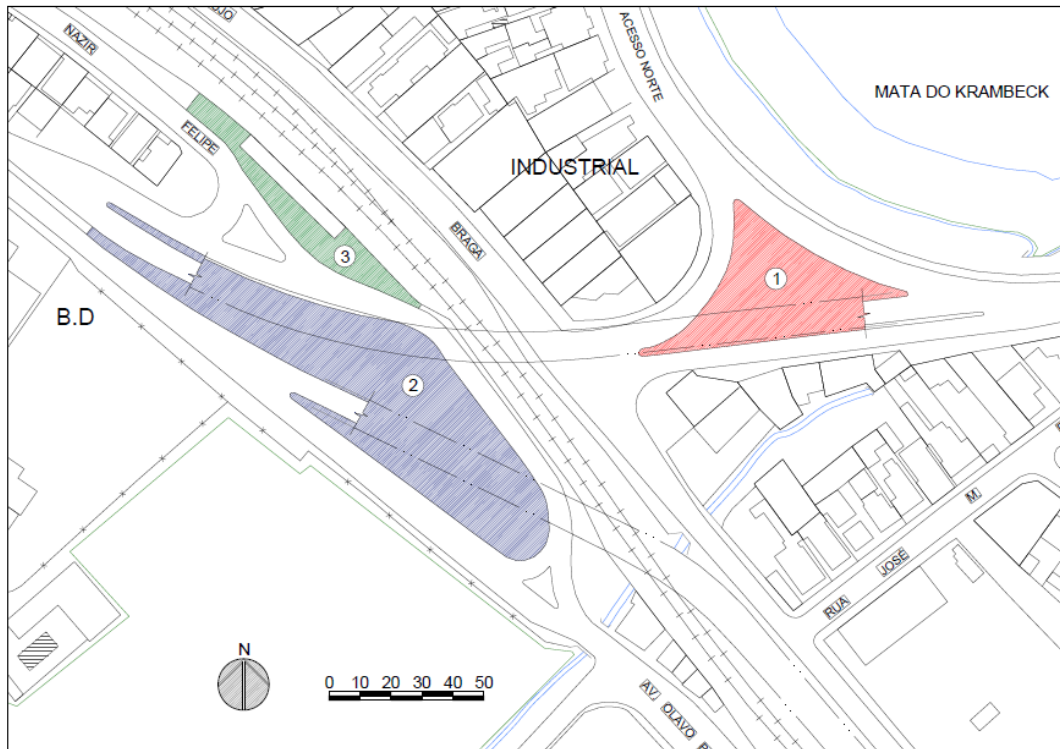
Fonte: Acervo do autor.

Figura 39 – Área ociosa do baixo próximo ao supermercado Mart Minas



Fonte: Acervo do autor.

Figura 40 – Mapa dos três trechos de interesse



Fonte: Produção autoral.

Panerai (2006) em seu livro aborda os termos que confirmam a estrutura do espaço formado pelos viadutos. Em sua abordagem ele explica os limites, que são fronteiras que delimitam o espaço físico e na maioria das vezes permeia locais que não devem ser ultrapassados facilmente como cursos de água, linhas férreas e faixas de areia por exemplo. Claramente a área ociosa do baixio é cercada por diferentes barreiras, sendo elas a linha férrea, o rio Paraibuna e um pequeno córrego que corta a linha para desaguar no rio (FIGURA 41). Configurando um grande ponto nodal já que os limites presentes conduzem as pessoas para um único local, seja para aqueles que estão no sentido centro, ou no sentido zona norte. O ponto nodal é a convergência ou o encontro de diferentes percursos e pode existir uma grande dificuldade de se indicar um lugar, ou seja, esse espaço pode apresentar diferentes facetas, não obtendo designação única (PANERAI, 2006). A ausência de construções (FIGURA 42) confirma a ideia de isolamento da área, por sem um grande entroncamento não é fácil usufruir do mesmo e desmistificar essas grandes barreiras.

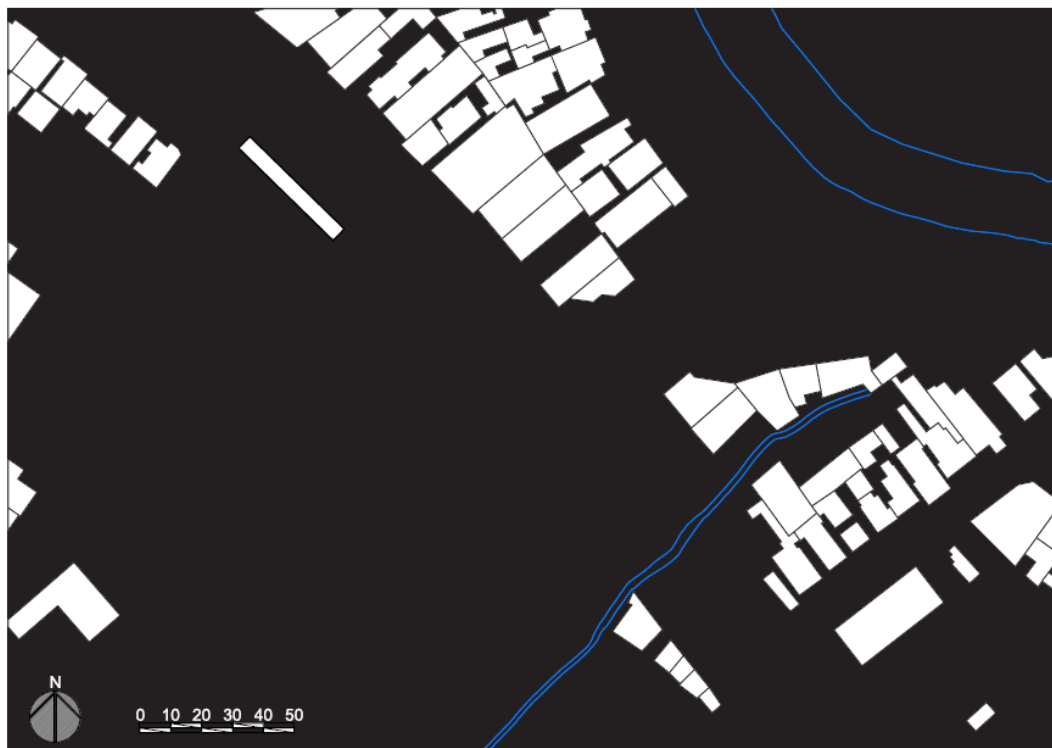
Figura 41 – Córrego passando sob o viaduto próximo ao supermercado Mart Minas



Fonte: Acervo do autor.

Figura 42 – Mapas de cheios e vazios





Fonte: Produção autoral.

Próximo as barreiras o ambiente foi construído ao longo do tempo não sendo possível removê-las e o traçado urbano começa a criar soluções para contorná-las. As vias principalmente são desviadas para margear esses limites e os viadutos são outra forma de transpor esses obstáculos. Porém essas transformações geram consequências que segundo Panerai (2006), podendo criar um crescimento rápido dos bairros vizinhos e em consequência um adensamento. Por isso é possível perceber que os arredores são poucos estruturados e não contemplam todas as necessidades da população.

A fim de melhorar essa situação, no entendimento de Phillippe Panerai (2006), tem que se acompanhar a organização espontânea do entorno, atuando de forma pontual e transpondo as fronteiras gradualmente evitando quebras bruscas que podem comprometer ainda mais o tecido urbano. De acordo com essas ideias, o objetivo é deixar o espaço mais permeável e humanizado, inserindo passagens de nível para os pedestres e modificando o estigma de barreiras físicas, de forma a aproximar o rio e a linha férrea das pessoas, com áreas verdes e espaços de convívio.

6.1 – Objeto arquitetônico

Atuar nos baixios requer todo o cuidado com os limites, deve-se reverter a aparência de vazio presente e solucionar os problemas, promovendo uma verdadeira revitalização. Além disso o interesse pelo local se faz pela insegurança, do interesse das pessoas em usufruir de um espaço público, a carência por áreas de lazer nos bairros que circundam o sítio, o Bairro Industrial, Cerâmica, São Dimas e Esplanada, pois todos eles oferecem pouca ou nenhuma área de convívio social. E por fim o ponto que de fato abriu os olhos para o espaço, a apropriação pelos moradores de rua. Por ser escuro e pouco movimentado o local é usado pela população de rua para dormir durante a noite. Percebe-se que sua presença se dá por necessidade, já que outros locais são muito cheios ou não apresentam a segurança que lhes é necessária.

Na presença dessas dificuldades a proposta de revitalização deve ser feita com um projeto que contemple questões urbanas e sociais. No meio urbano as possibilidades seguirão a demanda dos moradores dos bairros vizinhos, que em conversas informais sugerem a criação de uma praça ou parque que possa ser usada por crianças, adultos e idosos. Existe ainda o problema social que é visto com a presença da população de rua, que usa o local durante a noite. Em resposta, o pensamento é desenvolver um ambiente que possibilite melhores condições de vida para esses cidadãos, oferecendo condições mais dignas de existência. Com inspirações no centro POP (população de rua), que é situado na rua Professor Oswaldo Veloso, centro de Juiz de Fora, vislumbra-se a criação de um espaço itinerante que possa oferecer serviços semelhantes à dessa instituição gerido pela Prefeitura. Esse aparato arquitetônico será nomeado de CAM (Centro de Acolhimento de Moradores de rua) terá um programa muito específico, o qual possa tratar os problemas sociais dessas pessoas, tanto da forma física quanto psíquica.

Considerando o levantamento feito pela Prefeitura de Juiz de Fora (2016) a população de rua (ANEXO 01) está presente em diversos pontos da cidade, levando a conclusão de que o CAM deve ser uma estrutura móvel que possibilite ser inserido em diversas áreas, ampliando o alcance do atendimento. Para isso almeja-se que o projeto seja edificado com elementos construtivos que possibilitem o traslado do equipamento, permitindo montar e desmontar e ser transportado de forma fácil. Essa

mobilidade deve ser feita em áreas não utilizadas para evitar custos, mais uma vez, o objetivo é ocupar os entre espaços que já estão inseridos na malha urbana e muitos deles próximos a locais com a presença da população de rua.

6.2 – Diretrizes projetuais

O projeto é dedicado a atender as pessoas em situação de rua, com o objetivo de fornecer um acolhimento durante o dia. A idealização é baseada neles próprios, pois nortearam totalmente a proposta. Com o diagnóstico fornecido pela prefeitura (PJF, 2016) aliado a conversas informais com os usuários, foi possível conceber o CAM. O estudo da prefeitura aponta três grupamentos, os que dormem na rua, aqueles que pernoitam em abrigos e os que sobrevivem na rua, mas retornam para as casas durante a noite. Os resultados fornecidos apontam o número dessa população, faixa etária, escolaridade, etnia, vínculo familiar, o tempo de permanência e o motivo dessa situação. Um dos dados mais importante é a avaliação dos usuários (ANEXO 02) dos equipamentos que a cidade já apresenta, diversos instituições fornecem apoio a essas pessoas, porém atuam de forma complementar umas às outras. O centro POP por exemplo, atende aos moradores durante o dia oferecendo atividades complementares, apoio social e psicológico, já o núcleo do cidadão de rua oferece o abrigo durante a noite, onde o usuário recebe alimentação, banho e também um leito até o dia seguinte.

Essa avaliação permite compreender as observações dos usuários e direciona a concepção do projeto para melhorias com relação ao tipo e a forma de atendimento. É perceptível que o município fornece diversos tipos de apoio e alguns deles são bem vistos e outros não, sendo que as críticas negativas em sua maioria são baseadas nas experiências de lotação excessiva, mau atendimento, furtos entre os usuários e dos próprios funcionários e também os horários restritos. Outra questão é a limitação que o abrigo tem com animais de estimação e também aos pertences, sejam os sacos, os cobertores e até mesmo os carrinhos de lixo que muitos usam para arrecadar alguma quantia em dinheiro. Conclui-se que é necessário um espaço que possa organizar todos os outros serviços, podendo direcionar adequadamente os usuários, o CAM pode auxiliar essas observações, promover também uma atenção especial para os animais que os acompanham e de

alguma forma fornecer reparos aos carrinhos e abriga-los enquanto são atendidos em algum centro de apoio.

Em conversas realizadas com moradores de rua de Juiz de Fora foram levantadas questões sobre a necessidade e o motivo da apropriação de espaços públicos, dando maior atenção ao baixio do viaduto Ramirez Gonzales. Essas pessoas retratam as precariedades e restrições de abrigos no município. Os mesmos apontam a insegurança e a falta de vagas como os piores problemas. Alguns deles acabam “acampando” em frente a essas instituições e forçosamente impossibilitam que outros possam usufruir da instituição. Sendo assim, aqueles que buscam algum trabalho durante o dia, ou simplesmente não querem permanecer esperando acabam perdendo suas vagas, o que os leva a dormir nas ruas ou em qualquer local que possa oferecer um mínimo de proteção. Vê-se a necessidade de organizar o fluxo dos mesmos para que todos possam dormir durante a noite, e aqueles que não foram contemplados possam ser direcionados para outras instituições.

Os relatos são muito diversos, alguns contam as histórias da vida e tentam explicar minimamente o que é enfrentar as ruas. As adversidades são inúmeras podendo ser divididas em físicas e psicológicas. Os problemas físicos enfrentados são a fome, doenças, o frio e a diferentes formas de violência sofridas, que vão desde xingamentos até agressões. O que torna uma pessoa em situação de rua um ser muito frágil na presença de outros indivíduos. Quanto aos problemas psicológicos os mesmos retratam a solidão, a falta de afeto, a perda de autoconfiança, dependências em substâncias químicas e em alguns casos distúrbios mentais. Muitos estão em situação de rua devido a desavenças familiares, dependência química, desemprego e desilusões consigo mesmos. Nesta questão o CAM deve ser idealizado com diferentes atendimentos para acompanhar todas essas questões, com apoio psicológico, social, indicação para empregos e outras atividades.

6.3 – Programa de necessidades

O programa da instituição leva em consideração todas as questões retratadas anteriormente. Uma das ações principais é buscar uma forma de reintroduzir os indivíduos em situação de rua na sociedade, através de uma modificação do

pensamento pejorativo sobre a sua própria existência e fornecendo oportunidades. O CAM que atenderá principalmente moradores de rua, auxiliando e apoiando-os para que seja possível uma modificação no ideário dos mesmos. Para aqueles indivíduos que não desejam abandonar as ruas, a construção fornecerá os cuidados básicos para que exista uma qualidade de vida para esses cidadãos, proporcionando cuidados médicos, de higiene e alimentação.

As condições dessas pessoas são muito diversas, a definição do programa será construída em conjunto com os mesmos ampliando o alcance do instituto. Além dos serviços, a construção deve ser um ponto de referência de informação para que os moradores sejam direcionados para outros atendimentos como agências de saúde, centros de apoio já existentes ou mesmo o atendimento ao migrante que busca retornar com as pessoas para a cidade de origem.

6.3.1 – Setor social e lazer

Recepção/cadastramento – Esse espaço será utilizado para receber os moradores, inicialmente eles serão cadastrados em um banco de dados para que se possa ter o mínimo de informações possíveis sobre os usuários do espaço. Uma tentativa de organizar e quantificar essas pessoas, visando melhorar e acelerar o atendimento. A recepção funciona também como guichê de informações, onde é possível obter informações de serviços prestados, atividades na semana, agendar horários e outros informes relevantes. E por fim direcionar e orientar o funcionamento geral do CAM.

Salas de atendimento – Para o funcionamento adequado o espaço necessitará de diferentes profissionais atuando em conjunto na qualidade de vida dessas pessoas. As salas funcionarão como pequenos consultórios informais, com psicólogos, assistentes sociais e agentes de saúde. Outras salas abrigarão barbeiros para que possam ser feitos cortes de cabelo e barba.

Área de recreação – Preferencialmente em um espaço externo serão desenvolvidas atividades de lazer e educacionais. Podendo ocorrer feiras de atividades manuais, dinâmicas em grupo e oficinas em geral. Esse espaço estará sempre aberto buscando uma aproximação das pessoas que passam por ali e daquelas que estão sendo acompanhadas pela instituição.

6.3.2 – Setor de serviços

Donativos – Essa sala está destinada a receber doações da população em geral, alimentos, roupas, cobertores, utensílios domésticos e demais objetos, tudo aquilo que poderia ir para o lixo poderá ser encaminhado. Todas as doações serão avaliadas em seu estado de conservação e procedência para que possa ser encaminhado de forma correta. Esse local pode ser definido como um pequeno centro de reciclagem.

Cozinha – Caso ocorra a doação de alimentos a instituição terá a capacidade de utiliza-los, evitando que se perca os donativos utilizando-os rapidamente. Além disso será possível ofertar refeições coletivas. É desejável que a cozinha fique ligada diretamente com o espaço externo, para que se possa ofertar as refeições de forma rápida através de um grande passa pratos.

Consultório de cães – Muitos daqueles que estão nas ruas tem um ou mais animais de estimação e são parte essencial da rotina dos mesmos. Esse pequeno consultório tem a função de levar alguns cuidados para os animais dos usuários, banho, tosa e remédios contra pulgas e demais parasitas. Além de garantir que os bichos não fiquem na rua enquanto as pessoas estão recebendo atendimento.

Apoio – O apoio reúne algumas divisões que estarão presentes, como dispensa, depósito, almoxarifado, DML (Depósito de Material de Limpeza) e outros cômodos que podem se fazer necessários.

6.3.3– Íntimo

Banheiros e vestiários – Para promover a higiene o CAM será dotado de vestiários coletivos, masculino e feminino, que contém com chuveiros, armários, espelhos e o que mais for necessário para os usuários. O instituto contará também com banheiros de uso comum para os funcionários e demais visitantes.

6.3.4 – Desdobramentos do projeto

A complexidade do espaço, seja pela grande área ou por estar localizado em meio a diversas barreiras torna o processo de projeto algo árduo e extenso dado que a atuação estará concentrada no trecho um, onde será inserido o centro de acolhimento. Os projetos de intervenção serão elaborados por ordem de

importância, o CAM será o foco principal, todavia, entende-se que pelo tamanho do baixio não é possível desenvolver intenções em apenas um dos trechos, já que o espaço visa uma revitalização do entorno. Nas demais áreas poderão ser inseridas outras propostas, como praça, áreas de lazer, comércio entre outros. A ideia principal é ampliar a área de atuação ao máximo, buscando construir mais espaços que possam aumentar a vivacidade desse entre espaço.

Anexo 01 – Levantamento da população de rua na cidade de Juiz de Fora



ÁREA 1 = Contagem totalizando 38 pessoas em situação de rua em 24 pontos pesquisados.

PONTO	REFERÊNCIA DO ENDEREÇO	TERRITÓRIO SOCIOASSISTENCIAL	REFERÊNCIA DO PONTO	CONTAGEM
1	RUA MARTINS BARBOSA	BENFICA	RUA MARTINS BARBOSA	0
95	RUA DIOGO ALVARES	BENFICA	RUA DIOGO ALVARES (PRÓXIMO AO SHOPPING BENFICA) (NOVO)	4
2	AVENIDA PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK Nº 6667	BENFICA	PRAÇA	0
3	AVENIDA PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK Nº 6145	BENFICA	UPA NORTE	0
4	AVENIDA PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK Nº 5899	BENFICA	PRAÇA CEUS	0
95	AVENIDA PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK	FRANCISCO BERNARDINO	AVENIDA PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK (PRÓXIMO AOS MOINHOS DA VERA CRUZ) (NOVO)	2
5	AVENIDA BRASIL Nº 9501	SÃO DIMAS	RODOVIÁRIA	8
7	RUA HUMBERTO DE CAMPOS Nº 135	SANTA TEREZINHA	RUA DA CASA MATOS	4
8	RUA SANTA TEREZINHA S/Nº	SANTA TEREZINHA	FERROS VELHOS (AO LADO DA FAVELA DO RATO)	0
9	AVENIDA RUI BARBOSA	SANTA TEREZINHA	PRAÇA / PRAÇA PERTO DA IGREJA / IGREJA	1
10	RUA PROFESSOR TEODORO COELHO	BAIRÚ	PRAÇA	0
98	RUA AMÉRICO LOBO	MANOEL HONÓRIO	RUA AMÉRICO LOBO (EM FRENTE A PAPELARIA ANAPEL) (NOVO)	1
11	AVENIDA BARÃO DO RIO BRANCO S/Nº	MANOEL HONÓRIO	PRAÇA / PRAÇA DO MANGEL HONÓRIO	1
12	RUA EW BANK DA CÂMARA	MANOEL HONÓRIO	EM FRENTE AO CLUBE DOM PEDRO / PROXIMIDADE DO IPSEMG (ATRAS DO SUPERMERCADO BAHAMAS)	0
13	RUA AGASSIS COM RUA EW BANK DA CÂMARA	MARIANO PROCÓPIO	PRAÇA AGASSIS	0
14	RUA COMENDADOR MARIANO PROCÓPIO	MARIANO PROCÓPIO	PRAÇA EM FRENTE A TV INTEGRAÇÃO	1
15	RUA COMENDADOR MARIANO PROCÓPIO	CENTRO	AVENIDA RIO BRANCO EM FRENTE AO SPORT CLUBE - AO LADO DO POSTO DE GASOLINA	5
16	RUA CATARINA DE CASTRO Nº 85	MORRO DA GLÓRIA	IGREJA	0
17	AVENIDA DOS ANDRADAS Nº 855	MORRO DA GLÓRIA	IGREJA / JARDINS DA IGREJA DA GLÓRIA	0
97	AVENIDA DOS ANDRADAS	CENTRO	AVENIDA DOS ANDRADAS (EM FRENTE AO COLÉGIO SANTA CATARINA) (NOVO)	1
18	RUA CHRISTOVAM MOLINARI	MARIANO PROCÓPIO	RUA DA SERVIR (ANTIGA FERREIRA GUIMARÃES)	4
19	RUA DOUTOR DUARTE DE ABREU	MARIANO PROCÓPIO	RUA DOUTOR DUARTE DE ABREU	2
121	AVENIDA RUI BARBOSA	MARIANO PROCÓPIO	AVENIDA RUI BARBOSA PRÓXIMO A BRASIL (NOVO)	2
6	AVENIDA CORONEL VIDAL	MARIANO PROCÓPIO	CORONEL VIDAL (MARIANO) (NOVO)	2

Fonte: Sistema de Informação Geográfica da Prefeitura de Juiz de Fora, consultado em 11/04, 12/04 e 12/05/2016.

PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 1 | PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 2 | PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 3 | PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 4 | PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 5



ÁREA 2 = Contagem totalizando 55 pessoas em situação de rua em 21 pontos pesquisados.

PONTO	REFERÊNCIA DO ENDEREÇO	TERRITÓRIO SOCIOASSISTENCIAL	REFERÊNCIA DO PONTO	CONTAGEM
38	AVENIDA GETÚLIO VARGAS	CENTRO	PRAÇA ANTÔNIO CARLOS	1
39	AVENIDA FRANCISCO BERNARDINO	CENTRO	PRAÇA DA ESTAÇÃO / PRAÇA DR. JOÃO PENIDO	3
40	AVENIDA BRASIL S/Nº	CENTRO	SHOPPING SOLAR CENTER / MINI RODOVIÁRIA / PARTE DA RODOVIÁRIA ATÉ A AVENIDA BRASIL	10
41	RUA MARECHAL DEODORO	CENTRO	RUA MARECHAL DEODORO	0
42	AVENIDA GETÚLIO VARGAS COM RUA HALFELD	CENTRO	AVENIDA GETÚLIO VARGAS COM RUA HALFELD	1
43	RUA HALFELD	CENTRO	RUA HALFELD	5
44	AVENIDA BARÃO DO RIO BRANCO S/Nº	CENTRO	PARQUE HALFELD	15
45	RUA BARÃO DE SÃO JOÃO NEPOMUCENO	CENTRO	RUA SÃO JOÃO NEPOMUCENO	1
46	RUA SANTA RITA	CENTRO	RUA SANTA RITA	0
47	AVENIDA BARÃO DO RIO BRANCO	CENTRO	JARDINS DA CATEDRAL DE JUIZ DE FORA	0
48	RUA SANTO ANTÔNIO Nº 1201	CENTRO	RUA SANTO ANTÔNIO EM FRENTE AO DAGO'S BAR	0
49	RUA SANTO ANTÔNIO Nº 1500	CENTRO	RUA SANTO ANTÔNIO EM FRENTE À TAL DA ESPIA	0
50	RUA OSCAR VIDAL	CENTRO	RUA OSCAR VIDAL	1
51	RUA SAMPAIO	CENTRO / GRANBERY	RUA SAMPAIO	0
52	RUA BATISTA DE OLIVEIRA COM AVENIDA PRESIDENTE ITAMAR FRANCO	CENTRO	RUA BATISTA DE OLIVEIRA COM AVENIDA ITAMAR FRANCO	2
53	RUA OSÓRIO DE ALMEIDA	POÇO RICO	PRAÇA DA REPÚBLICA	4
54	RUA OSÓRIO DE ALMEIDA	POÇO RICO	EM FRENTE AO CEMITÉRIO MUNICIPAL	2
55	RUA DA BAHIA Nº 320	POÇO RICO	FINAL DA RUA DA BAHIA, PRÓXIMO AO Nº 320, POÇO RICO (EM FRENTE AO LEO MADEIRAS)	4
56	RUA DA BAHIA	POÇO RICO	RUA DA BAHIA	6
57	RUA TENENTE CORONEL DELFINO FARIA	SANTA TEREZA	PRAÇA DOUTOR ANTÔNIO CARLOS PEREIRA	0
58	RUA TENENTE CORONEL DELFINO FARIA	SANTA TEREZA	PERTO DO CLUBE TUPYNAMBÁS	0

Fonte: Sistema de Informação Geográfica da Prefeitura de Juiz de Fora, consultado em 11/04, 12/04 e 12/05/2016.

PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 1 | PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 2 | PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 3

ÁREA 3 = Contagem totalizando 103 pessoas em situação de rua em 29 pontos pesquisados.

PONTO	REFERÊNCIA DO ENDEREÇO	TERRITÓRIO SOCIOASSISTENCIAL	REFERÊNCIA DO PONTO	CONTAGEM
106	RUA BENJAMIN CONSTANT	CENTRO	RUA BENJAMIN CONSTANT (PRÓXIMO AO OLÍMPICO) (NOVO)	2
105	RUA SAINT CLAIR DE CARVALHO	CENTRO	RUA SAINT CLAIR DE CARVALHO (PRÓXIMO AOS NÚMEROS 150 E 261) (NOVO)	7
20	RUA PROFESSOR OSWALDO VELOSO Nº 190	CENTRO	RUA PROFESSOR OSWALDO VELOSO (CENTRO POP)	17
21	RUA JOSÉ KALIL AHOUGI	CENTRO	RUA JOSÉ KALIL AHOUGI (EM FRENTE AO ALBERGUE)	0
104	RUA JOSÉ KALIL AHOUGI	CENTRO	RUA JOSÉ KALIL AHOUGI (PRÓXIMO AO TUPY) (NOVO)	9
109	AVENIDA FRANCISCO BERNARDINO	CENTRO	AVENIDA FRANCISCO BERNARDINO COM A FONSECA HERMES (NOVO)	3
102	RUA FRANCISCO BERNARDINO COM A RUA FLORIANO PEIXOTO	CENTRO	FRANCISCO BERNARDINO COM A FLORIANO PEIXOTO (NOVO)	8
22	AVENIDA FRANCISCO BERNARDINO Nº 340	CENTRO	RUA FRANCISCO BERNARDINO E ATRÁS DO POSTO DE GASOLINA	7
23	RUA FRANCISCO MAIA	CENTRO	RUA FRANCISCO MAIA	0
24	RUA BENJAMIM CONSTANT	CENTRO	ESTACIONAMENTO HIPER-BRETAS	5
107	AVENIDA FRANCISCO BERNARDINO	CENTRO	FRANCISCO BERNARDINO (PRÓXIMO AO ROTARY CLUB) (NOVO)	1
108	RUA ROBERTO DE BARROS	CENTRO	RUA ROBERTO DE BARROS (NOVO)	4
25	RUA JARBAS DE LERY SANTOS	CENTRO	PRAÇA TRÊS PODERES / PRAÇA RIACHUELO	15
26	RUA SILVA JARDIM	CENTRO	LARGO DO RIACHUELO	0
27	RUA SANTO ANTÔNIO	CENTRO	EM FRENTE À SOPA DOS POBRES E PREVIDÊNCIA SOCIAL	0
28	RUA BARÃO DE CATAGUASES COM RUA JOÃO PINHEIRO	SANTA HELENA	RUA BARÃO DE CATAGUASES COM JOÃO PINHEIRO	3
100	RUA LUIZ PERRY	SANTA HELENA	RUA PERRY ATRÁS DO BRETAS (NOVO)	1
101	RUA BENJAMIM CONSTANT	CENTRO	RUA BENJAMIM EM FRENTE AO MAMM (NOVO)	2
29	RUA BENJAMIM CONSTANT Nº 1000	SANTA HELENA	RUA DO SAMU	0
30	RUA SÃO SEBASTIÃO Nº 1300	SANTA HELENA	PRAÇA DA IGREJA MELQUITA / PRAÇA DA MELQUITA / IGREJA MELQUITA	1
31	RUA SÃO SEBASTIÃO Nº 910	SANTA HELENA	PRAÇA DOS NAMORADOS	1
32	RUA SANTO ANTÔNIO COM RUA OSWALDO CRUZ	CENTRO	RUA SANTO ANTÔNIO COM RUA OSWALDO CRUZ	4
33	RUA OSWALDO CRUZ	SANTA HELENA	RUA OSWALDO CRUZ	0
99	RUA PASTEUR Nº 386	SANTA HELENA	OLEGÁRIO MACIEL PRÓXIMO AO ACERVO IMÓVEIS (NOVO)	1
PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 1		PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 2		

ÁREA 3 – Continuação

PONTO	REFERÊNCIA DO ENDEREÇO	TERRITÓRIO SOCIOASSISTENCIAL	REFERÊNCIA DO PONTO	CONTAGEM
34	RUA REDENTOR / RUA FERNANDO LOBO	PAINEIRAS	PRAÇA	0
35	RUA OLEGÁRIO MACIEL / RUA PROFESSOR COELHO DE SOUZA	PAINEIRAS	PRAÇA	0
36	RUA ALMIRANTE BARROSO / RUA MONSENHOR NOGUEIRA	PAINEIRAS	PRAÇA	0
37	RUA MISTER MOORE	CENTRO	RUA MISTER MOORE	10
103	AVENIDA PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS	CENTRO	GETÚLIO PRÓXIMO AO BAHAMAS (NOVO)	2
PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 3		PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 4		

Fonte: Sistema de Informação Geográfica da Prefeitura de Juiz de Fora, consultado em 11/04, 12/04 e 12/05/2016.

ÁREA 4 = Contagem totalizando 22 pessoas em situação de rua em 24 pontos pesquisados.

PONTO	REFERÊNCIA DO ENDEREÇO	TERRITÓRIO SOCIOASSISTENCIAL	REFERÊNCIA DO PONTO	CONTAGEM
59	AVENIDA SÉRGIO VIEIRA MENDES	SANTA LUZIA	RUA IBITIGUAIÁ, PRÓXIMO AO Nº 1240	0
60	RUA ÁGUA LIMPA	SANTA LUZIA	PRAÇA	0
61	AVENIDA BARÃO DO RIO BRANCO Nº 5062	CRUZEIRO DO SUL	PERTO DA PIZZARIA TARANTELLA - AVENIDA BARÃO DO RIO BRANCO	0
62	AVENIDA DOUTOR JOSÉ PROCÓPIO TEIXEIRA	BOM PASTOR	PRAÇA BOM PASTOR	3
110	RUA BELMIRO BRAGA (PRÓXIMO AO BAR MISTURA FINA)	ALTO DOS PASSOS	RUA BELMIRO BRAGA (NOVO)	1
111	RUA JOÃO EMÍLIO	ALTO DOS PASSOS	RUA JOÃO EMÍLIO (NOVO)	1
112	RUA MORAES E CASTRO	ALTO DOS PASSOS	RUA MORAES E CASTRO (PRÓXIMO A LOJAS AMERICANAS) (NOVO)	1
63	AVENIDA BARÃO DO RIO BRANCO Nº 3760	ALTO DOS PASSOS	EM FRENTE DO SUPERMERCADO BAHAMAS SÃO LUÍS (24 HORAS) / BAHAMAS 24 HORAS	0
64	AVENIDA BARÃO DO RIO BRANCO Nº 3760	ALTO DOS PASSOS	ESTACIONAMENTO DO SUPERMERCADO BAHAMAS	0
115	AVENIDA BARÃO DO RIO BRANCO	ALTO DOS PASSOS	AVENIDA BARÃO DO RIO BRANCO (PRÓXIMO A DROGASIL) (NOVO)	1
65	RUA DOM SILVÉRIO	ALTO DOS PASSOS	RUA DOM SILVÉRIO	0
66	RUA SEVERIANO SARMENTO	ALTOS DOS PASSOS	ALTO DOS PASSOS - RUA DOS BARES - FLANELINHAS	0
67	RUA SEVERIANO SARMENTO COM RUA MACHADO SOBRINHO	ALTOS DOS PASSOS	RUA MACHADO SOBRINHO COM SEVERIANO SARMENTO	3
68	RUA PEDRO BOTI COM RUA MELO FRANCO	SANTA CECÍLIA	RUA PEDRO BOTI COM MELO FRANCO	1
116	RUA SÃO MATEUS COM A RUA MELO FRANCO	SÃO MATEUS	RUA SÃO MATEUS COM A RUA MELO FRANCO (NOVO)	1
114	RUA PROFESSOR FREIRE	SÃO MATEUS	RUA PROFESSOR FREIRE (NOVO)	1
69	RUA SÃO MATEUS	SÃO MATEUS	IGREJA / RUA SÃO MATEUS	0
70	RUA PEDRO SCAPIM	SÃO MATEUS	RUA PEDRO SCAPIM	0
71	RUA PADRE CAFÉ	SÃO MATEUS / PADRE CAFÉ	RUA PADRE CAFÉ	4
72	AVENIDA PRESIDENTE ITAMAR FRANCO	SÃO MATEUS	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL / AVENIDA PRESIDENTE ITAMAR FRANCO, CRUZAMENTO COM PADRE CAFÉ, (EM FRENTE A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL);	0
113	RUA MANOEL BERNARDINO	SÃO MATEUS	RUA MANOEL BERNARDINO (NOVO)	1
117	AVENIDA PRESIDENTE ITAMAR FRANCO	SÃO MATEUS	PRAÇA SÃO MATEUS (NOVO)	0
118	AVENIDA BARÃO DO RIO BRANCO COM RUA CHANCELER OSWALDO ARANHA	CENTRO	AVENIDA BARÃO DO RIO BRANCO COM A OSWALDO ARANHA (PRÓXIMO A DROGARIA PAGUE MENOS) (NOVO)	1
73	RUA SEVERINO MEIRELLES	SÃO MATEUS	PRÉDIO ABANDONADO RUA SEVERINO MEIRELES, SÃO MATEUS (EM FRENTE A ESCOLA DEGRAUS) / RUA PEDRO SEVERIANO MEIRELES	3
PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 1		PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 2		PONTOS INDENTIFICADOS NO MAPA 3

Fonte: Sistema de Informação Geográfica da Prefeitura de Juiz de Fora, consultado em 11 e 12/04/2016.

ÁREA 5 = Contagem totalizando 24 pessoas em situação de rua em 23 pontos pesquisados.

PONTO	REFERÊNCIA DO ENDEREÇO	TERRITÓRIO SOCIOASSISTENCIAL	REFERÊNCIA DO PONTO	CONTAGEM
74	ALAMEDA ILVA MELLO REIS Nº 6001	TERRAS ALTAS	CASA DA CIDADANIA	0
75	PONTE ERNANI DE ANDRADE SANTOS / AVENIDA BRASIL	NOSSA SENHORA DE LOURDES	PONTES DA AVENIDA BRASIL (PONTE DE ACESSO DOS BAIRROS NOSSA SENHORA DE LOURDES E FURTADO DE MENEZES)	0
76	PONTE LUIZ ERNESTO BERNARDINO ALVES FILHO / AVENIDA BRASIL	SANTA TEREZA	PONTES DA AVENIDA BRASIL (PONTE NOVA DE ACESSO À REGIÃO SUDESTE, BAIRROS NOSSA SENHORA DE LOURDES E SANTO ANTÔNIO)	0
77	AVENIDA BRASIL	CENTRO	PONTES DA AVENIDA BRASIL (PONTE VERMELHA)	0
78	AVENIDA BRASIL	CENTRO	AVENIDA BRASIL - GRAMADO NO ENCONTRO ENTRE A AVENIDA BRASIL E AVENIDA PRESIDENTE ITAMAR FRANCO / GRAMADO ABAIXO DO VIADUTO	5
79	PONTE NELSON SILVA / AVENIDA BRASIL	CENTRO	PONTES DA AVENIDA BRASIL (LIGAÇÃO COM O VIADUTO AUGUSTO FRANCO)	0
119	AVENIDA BRASIL	COSTA CARVALHO	AVENIDA BRASIL EM FRENTE A ESCOLA DE SAMBA REAL GRANDEZA (NOVO)	7
80	AVENIDA BRASIL	COSTA CARVALHO	AVENIDA BRASIL - EM FRENTE A REGIONAL LESTE	0
81	AVENIDA BRASIL	CENTRO	PONTES DA AVENIDA BRASIL (PONTE DA HALFELD)	0
82	AVENIDA BRASIL Nº 90	COSTA CARVALHO	BAHAMAS AVENIDA BRASIL / EM FRENTE AO BAHAMAS DA AVENIDA BRASIL	0
120	RUA HOWYAN	CENTRO	RUA HOWYAN (FUNDOS DO CLUBE OLÍMPICO) (NOVO)	3
83	AVENIDA BRASIL	CENTRO	PONTES DA AVENIDA BRASIL (PONTE DE PEDESTRES, PRÓXIMO AO TERREIÃO DO SAMBA)	0
84	PONTE WILSON COURY JABOUR JÚNIOR / AVENIDA BRASIL	CENTRO	PONTES DA AVENIDA BRASIL (PONTE NOVA DE ACESSO À REGIÃO LESTE E AO BAIRRO VITORINO BRAGA)	3
85	AVENIDA GARIBALDI CAMPINHOS Nº 100	VITORINO BRAGA	CANTEIRO NA AVENIDA BRASIL COM GARIBALDI CAMPINHOS	0
86	AVENIDA GARIBALDI CAMPINHOS Nº 305	VITORINO BRAGA	PRAÇA DO VITORINO BRAGA	0
87	AVENIDA BRASIL	CENTRO	PONTES DA AVENIDA BRASIL (PONTE DA BENJAMIM CONSTAT)	3
88	AVENIDA BRASIL	CENTRO	PONTES DA AVENIDA BRASIL (PONTE DO LADEIRA)	0
89	PONTE WANDENKOLK MOREIRA / AVENIDA BRASIL	MANOEL HONÓRIO	PONTES DA AVENIDA BRASIL (PONTE NOVA DE ACESSO DO BAIRRO MANOEL HONÓRIO À AVENIDA BRASIL)	0
90	AVENIDA BARÃO DO RIO BRANCO	MANOEL HONORIO	PONTES DO MANOEL HONORIO (PONTE PRINCIPAL DE ACESSO DO CENTRO AOS BAIRROS DA REGIÃO LESTE, NORDESTE E NORTE)	1
91	RUA CAROLINA DE ASSIS	MANOEL HONÓRIO	RUA CAROLINA DE ASSIS	0

PONTOS IDENTIFICADOS NO MAPA 1 PONTOS IDENTIFICADOS NO MAPA 2 PONTOS IDENTIFICADOS NO MAPA 3 PONTOS IDENTIFICADOS NO MAPA 4 PONTOS IDENTIFICADOS NO MAPA 5

ÁREA 5 – Continuação

PONTO	REFERÊNCIA DO ENDEREÇO	TERRITÓRIO SOCIOASSISTENCIAL	REFERÊNCIA DO PONTO	CONTAGEM
92	AVENIDA BRASIL COM AVENIDA RUI BARBOSA	SANTA TEREZINHA	AVENIDA BRASIL - CHEGANDO AO BAIRRO SANTA TEREZINHA (ESQUINA COM RUI BARBOSA)	0
93	AVENIDA BRASIL	MARIANO PROCÓPIO	PONTES DA AVENIDA BRASIL (PONTE DE ACESSO AO BAIRRO SANTA TEREZINHA, EM FRENTE AO POSTO BONITÃO)	2
94	PONTE DOMINGOS ALVES PEREIRA / AVENIDA BRASIL	SANTA TEREZINHA / MARIANO PROCÓPIO	PONTES DA AVENIDA BRASIL (PONTE DE ACESSO DO BAIRRO SANTA TEREZINHA AO BAIRRO MARIANO PROCÓPIO, SENTIDO CENTRO).	0

Fonte: Sistema de Informação Geográfica da Prefeitura de Juiz de Fora, consultado em 11/04, 12/04 e 12/05/2016.

PONTOS IDENTIFICADOS NO MAPA 6

Observação: O ponto **NOVO** corresponde àquele identificado no trabalho de campo que não estava previsto no itinerário inicial.

INFORMAÇÕES GERAIS DO SIG

Área	Contagem de moradores em situação de rua no campo	Total de pontos pesquisados	Pontos novos inseridos no itinerário	Pontos previstos no itinerário
1	38	24	6	18
2	55	21	0	21
3	103	29	11	18
4	22	24	9	15
5	24	23	2	21
TOTAL	242	121	28	93

Fonte: Sistema de Informação Geográfica da Prefeitura de Juiz de Fora.

Anexo 02 – Avaliação institucional dividido por grupamento GRUPO A - OS QUE DORMEM NA RUA

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

INTITUIÇÃO	ÓTIMO	BOM	RUIM	PÉSSIMO	NUNCA UTILIZARAM
CENTRO POP	8%	26%	4%	16%	46%
CASA DA CIDADANIA	6%	10%	2%	6%	76%
NÚCLEO CIDADÃO DE RUA	2%	16%	12%	36%	34%
CONSULTÓRIO NA RUA	28%	10%	-	8%	54%
CAPS	4%	14%	4%	-	78%
PEQUENINOS DE JESUS	32%	26%	8%	2%	32%
CASA DE PASSAGEM ⁵	22%	11%	-	11%	56%
CRAS	4%	10%	-	6%	80%

⁵ Universo de avaliação composto apenas por mulheres

CREAS	-	8%		4%	88%
-------	---	----	--	----	-----

CONSIDERANDO APENAS OS QUE UTILIZARAM OS SERVIÇOS

INTITUIÇÃO	ÓTIMO	BOM	RUIM	PÉSSIMO
CENTRO POP	15%	48%	7%	27%
CASA DA CIDADANIA	25%	42%	8%	25%
NÚCLEO CIDADÃO DE RUA	3%	24%	18%	55%
CONSULTÓRIO NA RUA	61%	22%	-	17%
CAPS	18%	64%	18%	-
PEQUENINOS DE JESUS	47%	38%	12%	3%
CASA DE PASSAGEM ⁶	50%	25%	-	25%
CRAS	20%	50%	-	30%
CREAS	-	67%		33%

GRUPO B - OS QUE PERNOITAM NO ACOLHIMENTO

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

INTITUIÇÃO	ÓTIMO	BOM	RUIM	PÉSSIMO	NUNCA UTILIZARAM
CENTRO POP	-	48%	11%	26%	15%
CASA DA CIDADANIA	15%	18%	-	4%	63%
NÚCLEO CIDADÃO DE RUA	-	52%	8%	18%	22%
CONSULTÓRIO NA RUA	22%	15%	-	11%	52%
CAPS	-	18%	4%	4%	74%
PEQUENINOS DE JESUS	41%	29%	4%	-	26%
CASA DE PASSAGEM ⁷	60%	-	-	-	40%
CRAS	-	-	-	4%	96%
CREAS	-	11%	-	-	89%

CONSIDERANDO APENAS OS QUE UTILIZARAM OS SERVIÇOS

INTITUIÇÃO	ÓTIMO	BOM	RUIM	PÉSSIMO
CENTRO POP	-	57%	13%	30%
CASA DA CIDADANIA	40%	50%	-	10%
NÚCLEO CIDADÃO DE RUA	-	67%	9%	24%
CONSULTÓRIO NA RUA	43%	36%	-	21%
CAPS	-	72%	14%	14%
PEQUENINOS DE JESUS	55%	40%	5%	-
CASA DE PASSAGEM ⁸	100%	-	-	-
CRAS	-	-	-	100%
CREAS	-	100%	-	-

⁷ Universo de avaliação composto apenas por mulheres

⁸ Universo de avaliação composto apenas por mulheres

GRUPO C - OS QUE PERNOITAM NO ACOLHIMENTO

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

INTITUIÇÃO	ÓTIMO	BOM	RUIM	PÉSSIMO	NUNCA UTILIZARAM
CENTRO POP	2%	8%	5%	-	83%
CASA DA CIDADANIA	-	1%	-	-	97%
NÚCLEO CIDADÃO DE RUA	2%	8%	3%	3%	82%
CONSULTÓRIO NA RUA	2%	1%	1%	-	95%
CAPS	2%	3%	-	-	94%
PEQUENINOS DE JESUS	10%	10%	1%	-	77%
CASA DE PASSAGEM ⁹	-	-	-	-	-
CRAS	3%	3%	2%	-	90%
CREAS	1%	3%	-	-	94%

CONSIDERANDO APENAS OS QUE UTILIZARAM OS SERVIÇOS

INTITUIÇÃO	ÓTIMO	BOM	RUIM	PÉSSIMO
CENTRO POP	13%	54%	33%	30%
CASA DA CIDADANIA	-	100%	-	-
NÚCLEO CIDADÃO DE RUA	12%	50%	19%	19%
CONSULTÓRIO NA RUA	50%	25%	25%	-
CAPS	40%	60%	-	-
PEQUENINOS DE JESUS	48%	48%	4%	-
CASA DE PASSAGEM ¹⁰	-	-	-	-
CRAS	38%	38%	24%	-
CREAS	25%	75%	-	-

⁹ Universo de avaliação composto apenas por mulheres

¹⁰ Universo de avaliação composto apenas por mulheres

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Laura. **Projeto # Colabora. A arquitetura hostil das cidades**. Grades, pedras ou divisórias, o que importa é afastar as pessoas. 25, Abril, 2016. Disponível em <<http://projetocolabora.com.br/cidades/a-arquitetura-hostil-das-cidades/>>. Acesso em 14, Mar.2017.

BARATTO, Romullo. Archdaily Brasil. **“Isso não é um terreno baldio”:** **Reconvertendo lugares do espaço público [Parte 1]**. 16, Abr, 2014. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-189032/isso-nao-e-um-terreno-baldio-reconvertendo-lugares-vazios-do-espaco-publico-parte-i>>. Acesso em 19, Maio, 2017.

BARATTO, Romullo. Archdaily Brasil. **Resultados do concurso de requalificação de baixios de viadutos em Belo Horizonte – MG**. 5, Fev, 2014. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-174764/resultados-do-concurso-de-requalificacao-de-baixios-de-viadutos-em-belo-horizonte-mg>>. Acesso em 29, Maio, 2017.

BORDE, Andréa. **Vazios urbanos: Avaliação histórica e perspectivas contemporâneas**. Intersecções, revista de estudos interdisciplinares, Rio de Janeiro: 2013. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/9419>>. Acesso em 15, Fev. 2017.

CLEMENTINO, Lucas. **A cidade contra as pessoas: Arquitetura hostil**. *Arquipélago*, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <<http://arquipelago.in/?p=697>>. Acesso em 16, Mar. 2017.

FUÃO, Fernando Freitas. **Arquitetura e vazio**. *Revista Comciencia*, Porto Alegre: 2012. Disponível em <<http://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/10/arquitetura-e-vazio.html>>. Acesso em 10, Mar.2017.

GAFFNEY, Crhistofer. Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais. **Matéria de capa: Forjando os anéis: A Paisagem imobiliária pré-Olímpica no Rio de Janeiro**. Nº 15, Ano 4, p.4 – 18, Dez/2013.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 1º Edição – São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, *Marina Andrade*. **Metodologia do trabalho científico: Procedimentos básicos; pesquisa bibliográfica, projeto e relatório; Publicações e trabalhos científicos**. 4º Edição – São Paulo: Editora Atlas, 1992.

LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. 6º Edição – Rio de Janeiro: Record, 2012.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PANERAI, Phillippe. **Análise Urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA, **Diagnóstico da população em situação de rua de Juiz de Fora**. 2016.

QUINN, Ben. **Arquitetura hostil: as cidades contra seres humanos**. *The Guardian*, Nova York, 10, Jul. 2014. Disponível em <http://outraspalavras.net/posts/arquitetura-hostil-as-cidades-contra-seres-humanos/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=arquitetura-hostil-as-cidades-contra-seres-humanos>. Acesso em 16, Mar.2017

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada**. 5º Edição – São Paulo: São Paulo, Nobel, 1990. Cap. *Tamanho da cidade, especulação, vazios urbanos*.

Técnica, espaço, tempo. 5º Edição – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

VALENCIA, Nicolás. Archdaily Brasil. **Proposta para recuperar vazios urbanos e estimular a reativação econômica em cidades espanholas**. 30, Jun, 2014. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-189032/isso-nao-e-um-terreno-baldio-reconvertendo-lugares-vazios-do-espaco-publico-parte-i>>. Acesso em 28, Maio, 2017.